

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRAÇÃO - DECAD

Douglas Thadeu Crispim Nascimento

**O TEMPO SOB A ÓTICA DE GRADUANDOS EM ADMINISTRAÇÃO DE UMA
UNIVERSIDADE FEDERAL: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Mariana – MG
2018

Douglas Thadeu Crispim Nascimento

**O TEMPO SOB A ÓTICA DE GRADUANDOS EM ADMINISTRAÇÃO DE UMA
UNIVERSIDADE FEDERAL: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Monografia apresentada ao curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava

Mariana – MG
2018

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N244o Nascimento, Douglas Thadeu Crispim .

O tempo sob a ótica de graduandos em administração de uma universidade federal [manuscrito]: um estudo fenomenológico. / Douglas Thadeu Crispim Nascimento. - 2018.

62 f.: il.: . + Quadro 1 - Correntes de significado de tempo. + Quadro 2 - Significado do tempo com estrutura de possibilidade. + Quadro 3 - Funções do administrador no tempo.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava.

Coorientadora: Profa. Dra. Fernanda Maria Felício Macedo.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Fenomenologia. 2. Tempo. 3. Administração. 4. Pesquisa organizacional. I. Boava, Diego Luiz Teixeira. II. Macedo, Fernanda Maria Felício. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 378



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Douglas Thadeu Crispim Nascimento

O TEMPO SOB A ÓTICA DE GRADUANDOS EM ADMINISTRAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Membros da banca

Diego Luiz Teixeira Boava - Doutor - UFOP
Fernanda Maria Felício Macedo Boava - Doutor - UFOP
Raoni de Oliveira Inácio - Doutor - UFOP

Versão final
Aprovado em 11 de dezembro de 2018

De acordo

Professor (a) Orientador (a)



Documento assinado eletronicamente por **Diego Luiz Teixeira Boava, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/08/2020, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0076412** e o código CRC **31267BF6**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.005908/2020-59

SEI nº 0076412

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que vê além do que creio ser, e, me faz querer ser mais do que presumo um dia poder. Em especial a minha mãe, cujo exemplo me faz acordar a cada dia mais determinado e ciente de que tudo que aprendi com ela o mundo não há de levar. Aos meus irmãos, Diego e Diogo, fontes da alegria no dialogar e professores do meu conhecimento.

A Caroline, aquela cuja existência torna capaz transformar o mundo, esta mesma cuja inteligência não se mede, mas nos surpreende, e em sua forma, supera o belo e se torna o eterno...

Ao professor Diego Boava, pela insistente capacidade de cativar a insatisfação e promover o desejo de retornar, firmando, como dizia Kant, que não se ensina filosofia, mas sim a filosofar. Como afirma o mesmo: “Não é difícil ser autêntico, difícil é assumir sua posição (...) Simples é onde está o segredo”. A professora Fernanda Macedo, pelo brilhantismo e capacidade de trazer o chão aos pés que voam.

“Só depois que perdemos tudo é que estamos livres para fazer qualquer coisa.”

- Chuck Palahnuik

RESUMO

Uma das maiores relações que todo humano convive é baseada em sua percepção de tempo, sua interação com o passar dos anos, da juventude a maturidade, da velocidade a calma, ou vice-versa. Assim, busca-se observar como um graduando em administração percebe o tempo, que entre seus mais diversos significados representa ao ofício do administrador, uma junção de adversidades e possibilidades de atingir os objetivos de sua atividade e até certo ponto pessoais. Administrar em si vai de encontro ao popular onde “tempo é dinheiro”, essa relação vai construir paralelos que possibilitam tentar formar a teoria do fenômeno temporal em relação ao ofício do administrador. Para tanto, em um primeiro passo, se busca entrevistar graduandos, futuros administradores (temporal), para observar sua relação com o tempo. O método escolhido para tal análise é o fenomenológico, que tem por fundador Edmund Husserl, essa corrente influenciou a filosofia e demarcou uma das maiores vertentes de pensamento do século XX. Indo a um de seus fundamentos básicos de trazer as coisas para elas mesmas, logo perceber o tempo através daquele que convive com sua escolha e percebe nela seu modo de vida. O material coletado demonstra que a percepção do aluno assume que a essência da Administração é o tempo, sem esse a atividade se torna inviável, pois há perda do sentido de realização das atividades mediante a gerência desse recurso, não correspondendo dessa forma a dinâmica real do mercado cada vez mais rápido e exigente. Requerendo certa disciplina e manejo do aprendizado para tornar o tempo um bem gerenciável, a ação displicente torna a perspectiva temporal um fardo de confrontação com a atitude pessoal. A abertura proposta fomentou através da visão fenomenológica uma perspectiva ainda pouco galgada, mas que oferece imenso campo de averiguação, sendo necessário ampliação das fontes de estudo e matérias, para tentar solidificar ainda mais a perspectiva da confecção da teoria da Administração por bases filosóficas.

Palavras-chave: Tempo, administração, fenomenologia, pesquisa organizacional.

ABSTRACT

One of the greatest relationships that all human beings coexist is based on their perception of time, their interaction with the passing years, from youth to maturity, from speed to calm, or vice versa. Thus, it is sought to observe how a graduate in administration perceives time, which among its most diverse meanings represents the office of the administrator, a combination of adversities and possibilities to achieve the objectives of his activity and to some extent personal. Managing itself goes against the popular where "time is money", this relationship will build parallels that make it possible to try to form the theory of the temporal phenomenon in relation to the office of the administrator. In order to do so, in a first step, the objective is to interview undergraduates, future administrators (temporal), to observe their relationship with time, the method chosen for such an analysis is the phenomenology, which has as founder Edmund Husserl, this current influenced the philosophy and demarcated one of the greatest trends of thought of the twentieth century. Going to one of their basic fundamentals of bringing things to themselves, then perceiving the time through the one who lives with their choice and perceives in it their way of life. The collected material demonstrates that the student's perception assumes that the essence of the Administration is time, without which the activity becomes unfeasible, because there is loss of the sense of accomplishment of the activities through the management of this resource, not corresponding in this way the real dynamics of the increasingly fast and demanding market. By requiring a certain discipline and management of learning to make time a manageable good, careless action makes temporal perspective a burden of confrontation with personal attitude. The proposed opening fostered, through the phenomenological vision, a perspective that is still very small, but which offers an immense field of investigation. It is necessary to expand the sources of study and materials to try to solidify even more the perspective of the construction of the theory of Administration by philosophical bases.

Keywords: Time, management, phenomenology, organizational research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro I: Correntes de significado do tempo.....	12
Quadro II: Significado do tempo como estrutura de possibilidade.....	18
Quadro III: Funções do administrador no tempo.....	22
Figura I: Ciclos organizacionais sob atuação do administrador.....	22
Esquema I: Movimento noético noemático de Ihde a Husserl.....	29
Figura II: Unidades de sentido e sub unidades.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O TEMPO COMO FENÔMENO	11
2. O TEMPO NO CONTEXTO DA ADMINISTRAÇÃO	19
3. METODOLOGIA	25
3.1. Delineamento	25
3.2. Sobre o método	27
3.3. Lócus da pesquisa.....	30
3.4. Sujeito de pesquisa	31
3.5. Processo de coleta de dados	32
3.6. Técnica de análise de dados	33
3.7. Redução fenomenológica.....	34
4. ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1. Unidade de sentido 1 - Descobrir-se para administração.....	37
4.2. Unidade de sentido 2 - Vivência universitária:	39
4.3. Unidade de sentido 3 - Passado, presente e futuro uma visão da administração.....	41
4.4. Unidade 4 - Conceito de tempo.....	44
4.5. Unidade 5 - Potências do tempo.....	45
4.6. Unidade 6 - Administrador e o tempo	46
4.7. Unidade 7 - Estar Administrador no tempo	49
4.8. Unidade 8 - Tempo, dinheiro e administração.....	50
4.9. Síntese das unidades	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

INTRODUÇÃO

Tempo é a medida da vida de todo ser humano, é ele o agente do inevitável, o mesmo precede o caminho e o antagoniza, constrói a visão de um tempo que se foi e de um tempo que ainda virá, quando está naquele que permanece e se transiciona (passado, futuro e presente), de modo consciente ou inconsciente, mediante a intencionalidade. Dentre os diversos campos de estudo tem sido também um imenso desafio compreender o tempo, e em principal, a filosofia, que torna o tema um de seus maiores objetos de pesquisa.

O mesmo tema também é averiguado por todos os outros segmentos do conhecimento, com o diferencial final do foco, que determina a prioridade da agenda temporal, de cada ramo. Consequentemente, o tempo se torna uma temática universal, que relaciona todos os campos do conhecimento sendo relevante a reflexão sobre a existência do mesmo e seus critérios de averiguação.

No ramo da administração, pela ótica funcionalista, o tempo representa uma unidade relativa ao alcance de metas, fator estratégico e controlável de forma a gerar eficiência e melhores resultados ao seu usuário que se faça atento e disciplinado, porém, pouco reflexivo, e em uma atitude completamente ingênua. Lana et al. (2018) “a relevância do tempo em pesquisas de administração continua a ser uma questão em aberto, uma vez que sua discussão caminha a passos lentos e, muitas vezes, não suficientes.”

Ao ser proposto uma análise mais transcendental, o tempo há de se tornar um bem de magnitude, até certo ponto indescritível, pois não há como conhecer sua extensão, sua forma ou causalidade. Como afirma Santo Agostinho (397-8, Livro XI, XIV. 17, L.10) *Quid est ergo tempus? Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio* [Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei]. No entanto, é através de sua incerteza que se pode encontrar flashes da consciência desapegada de métodos, se nada pode-se propor como verdade ou mentira nesse caso se tem a visão do entendimento da vivência do ser.

Logo, se tem um conceito, longe de ser finalístico, no qual o significado margeia a magnitude da incerteza e prevê a capacidade de perceber na vivência a vastidão de possibilidades que o percurso da vida apresenta, trazer da inocência a consciência.

Por fim, a administração e o tempo formalizam uma parceria para o transcendente, um está contido no outro, sendo um o atenuador da atenção na limitação do humano, a racionalidade limitada, ou seja, pelo tempo de vida, pelo das escolhas; é, portanto, para o ser, aquele que compreende as incertezas e as transforma em possibilidades de ação, que entende a incapacidade de controlar todas as variáveis, mas que busca enquanto viver sentir a vivência em toda sua plenitude.

O problema que orienta esta pesquisa surge da relação entre o tempo e o estudante de administração, pois é através da experiência com a vivência acadêmica/ progressão profissional, que se espera averiguar como perceber o tempo para o administrador é um fator relevante na compreensão das possibilidades de sua rotina, e, o que o mesmo, em sua particularidade, tende a afirmar dessa relação - sua percepção na forma de relato demonstra um histórico do aglomerado de pensamentos expostos em um expressar livre de pressão, se tornando um desabafo de contexto.

Procurando, para tal finalidade, descrever a realidade do entrevistado por seu próprio foco, buscar compreender os casos apresentados e interpretar os mesmos, direcionando a possibilidade de investigar suas oportunidades e perceber fatos que vão além do simplesmente dado, exposto, em relação ao tempo entendido na Administração. Analisar, por fim, o tempo na percepção de estudantes de administração.

O método utilizado em tal investigação tentará ocorrer em uma performance fenomenológica, com abordagem qualitativa, já que o importante para busca dos resultados é a qualidade não a quantidade dos entrevistados. Exploratória, pois busca aprofundar no conteúdo para observar fatos relatados pelos indivíduos e, descritiva, ao estudar a temática e interpretar o mais de perto possível a sua existência, aplicabilidade e relação. Realizando entrevistas na forma da técnica “Bola de neve”, até atingir o ponto de saturação e, posteriormente, efetuar a imersão sobre os relatos coletados.

Nesse sentido, busca-se o aluno de administração, já que o mesmo se lança em um mar de possibilidades, na busca de alcançar os objetivos aos que se propõe, na vida acadêmica/profissional, ele de modo algum conhece todo o percurso, mas na vivência passa a ter afinidade, na forma de proximidade, e, passa a concentrar sua energia e foco ao se determinar em pequena parcela como um especialista no campo da Administração.

É de suma importância para pesquisa captar o momento de aquisição do “estar” administrador, quando o ser sai da inocência, ainda que de forma ôntica, e passa a corresponder sobre

um papel; como se fosse parte constituinte de seu existencial, adquirindo a responsabilidade de sua ocupação como parte de sua concretude. O fato desse momento ser vivido no tempo é fundamental na obtenção da percepção desse particular, um determinismo que não se encontrará no profissional, pois o mesmo já se cerca de sua tarefa e sobre ela delimita sua posição como atuante daquela fonte, sua superespecialização já pode ter o conjugado como parte específica dentro do administrar, tornando-o um administrador-contável, administrador-de-RH, etc. Logo este agente não vê a administração como administração, mas sim como administrar segundo a contabilidade, segundo o RH.

Por sua vez, um estudante é capaz de perceber o todo, pois ele ainda é generalista - em modo de formação - se fazendo aberto ao que tende no futuro a atraí-lo ao projeto administrador. Mas este sabe que as possibilidades irão o congregar a um fim “especialista”, no qual o foco passa a ser direcionador e o restante tende a ser omitido da presença.

Para construir o que se faz proposto, de modo didático, o trabalho será dividido em introdução, três partes principais e a conclusão. A primeira parte onde se constrói os paralelos do tempo com a tradição filosófica, com intuito de averiguar a evolução conceitual e a perspectiva histórico-filosófica em suas correntes de interpretação, derivando ao uso efetivo que será tratado neste. Na segunda parte se inclui a Administração no contexto temporal, onde será abordado a temática baseada na compreensão de estudos do próprio campo, determinando o usual do ramo, e o proposto pelo trabalho ao conjugar o tempo na administração.

Como terceira parte será efetuada uma análise do conteúdo coletado pelas entrevistas e aplicação dos métodos fenomenológicos de pesquisa gerando um adensamento das possibilidades propostas, na tentativa de alcançar o entendimento proposto sobre o tempo como um fator preponderante na interpretação da Administração.

1. O TEMPO COMO FENÔMENO

Compreender um fenômeno requer um processo de retorno a suas origens, voltar aos fundadores do conceito, aqueles que foram os primeiros a determinar a real junção dos signos para com seu significado; explicá-los traz a luz dos processos históricos, sobre as distorções e perdas do cotidiano, que tornam o profundo sentido somente algo completamente usual e raso. Segundo Salomão, Teixeira e Teixeira (2015) o uso da etimologia é um caminho interessante em qualquer análise sobre conceitos complexos.

Em grego a palavra, tempo, tem duas formas *Kairós* (καιρός) e *Chronos* (Χρόνος). Ao português os significados são interpretados como semelhantes, porém em sua origem não o são. *Kairós* advém da mitologia grega como o “Deus do tempo oportuno” e seu contexto acaba por transformá-lo em um “momento oportuno”, “ocasião certa”, “oportunidade”. Empregado no sentido material e temporal, *kairós* caracteriza uma “situação crítica” (negativa ou positiva), que exige uma decisão, na qual o homem talvez é levado pela fatalidade. (Brown, 2000)

Por sua vez *Chronos* é a determinação do tempo físico e cronológico. Na mitologia grega é associado ao “Deus do tempo” - sua posição histórica representa aos gregos “tempo dos homens”, e a capacidade destrutiva deste, ou seja, a impossibilidade humana de fugir dos seus efeitos, e logo, como a seus filhos, ser-se-á devorado por ele. Diante do tempo desperdiçado, assume o significado de “perda de tempo”. No mais também pode ser reconhecido como “duração da vida”, “anos”.¹

Apresentado em Arantes (2015), que o homem se verá em meio a dois pontos:

A presença de dois grupos etimológicos para o conceito de tempo, sugere que os gregos distinguiam período ou pontos de tempo individuais, os quais podem ser efetuados por decisões humanas (*kairós*), e que podem ser “extraídos” do decurso do tempo, cujo progresso não depende de qualquer influência humana (*chronos*). (ARANTES, 2015, p. 6)

Assim *kairós* é “o espaço de tempo dentro do qual muitas decisões são feitas para o indivíduo e que a pessoa deve ter a ousadia de explorar”, o indivíduo que prezar por sonegar ou evitá-lo “destrói-se a si mesma.”²

¹ Ibidem, **Chronus**, p. 2465.

² Ibidem, **Kairós**, 2000, p. 2460.

Chronos, por sua vez, pode ser considerado como o juiz (onividente), com seu passar ele promove a verdade e a traz a razão (luz), o homem por essa via passa a reconhecer o seu “verdadeiro valor”. Por conseguinte, pode-se designar o tempo medido no relógio, calendário, no cronômetro.³

Para os gregos pensar o tempo era uma relação cotidiana que os levava a buscar fazer o uso mais completo possível desse recurso, um bem inestimável e “o mais precioso para o consumo”. Portanto, os meios de interação possível levam a necessidade da esquematização intelectual.

Já no Latim, têm-se a denominação *tempus*, *-oris* - que pode ser compreendida, de modo aberto, pela fusão inicial de Kairós e Chronus, com o acréscimo de significados como “circunstância”, “posição”, “situação moral”, “interesses”. O significado contudo é avaliado “especialmente” como momento favorável, oportunidade, ocasião e circunstâncias. (Torrinha, 1942; Faria, 1962)

Na atualidade em dicionários como o Housais e Priberam, o significado é vasto e abrange o passado de todos os conceitos vistos sem diferenciá-los. Podendo ser explicado como: período sem interrupções, no qual os acontecimentos ocorrem; a uma época determinada; a época (relativamente a certas circunstâncias da vida, ao estado de coisas, aos costumes, às opiniões); parte da vida que se difere das demais; circunstância oportuna para que alguma coisa seja realizada; vagar, ocasião, oportunidade; medida arbitrária da duração das coisas.

As perspectivas analisadas sobre o tempo o enquadram em 3 correntes de significado:

1 ^a	Ordem mensurável do movimento
2 ^a	Como movimento intuído
3 ^a	Como estrutura de possibilidades

Quadro I: Correntes de significado do tempo
Fonte: Adaptado do Dicionário de Filosofia (2007)

A primeira corrente na antiguidade se refere ao conceito cíclico do mundo e da vida do homem, na modernidade se volta ao conceito científico. Como expoente desta corrente há Platão que na obra Timeu (Τίμαιος, 360 a.C.) apresenta:

³ Ibidem, **Chronus**, 2000, p. 2466.

Dizemos que “é”, que “foi” e que “será”, mas “é” é a única palavra que lhe é própria de acordo com a verdade, ao passo que “era” e “será” são adequadas para referir aquilo que devém ao longo do tempo – pois ambos são movimentos. (PLATÃO, Τίμαιος, 37, E, 7)

Platão considera que o tempo é uma construção do Deus eterno, que na medida de sua obra procurou constituir algo tão perfeito quanto ele, “representação dos deuses eternos, animada e dotada de movimento” (Timeu 37, C, 10) e em sua impossibilidade, firma para concluir seu projeto a *eikô kinêton tina aiônios* (imagem móvel da eternidade); o mundo e o tempo são por isto produtos da eternidade.

Ele está no céu e na terra.

Aristóteles em sua obra Física (Φυσικῆς Ἀκροασεως), livro IV, contesta a existência do tempo, afirmando que se não se é consciente das mudanças, no modo de pensar ou que se está em mutação, há de se perder a capacidade de observar que o tempo existiu. Logo, a mudança é parte fundamental do tempo, sendo que “é evidente que o tempo não é um movimento, *porém não há tempo sem movimento.*” [Δεν υπάρχει χρόνος χωρίς κίνηση] (Phys c. IV, 11, 218 b, 219 a)

No mais o filósofo expande a visão de significado e acresce sobre a possibilidade de número:

Assim, pois, quando percebemos o agora como uma unidade, e não como anterior e posterior no movimento, ou como o mesmo com respeito ao anterior e ao posterior, então não parece que tenha transcorrido algum tempo, já que não ocorreu nenhum movimento. Porém quando percebemos um antes e um depois, então falamos de tempo. Porque o tempo é justamente isto: número do movimento segundo o antes e o depois. (ARISTÓTELES, Φυσικῆς Ἀκροασεως, 11, 219 a, 219 b)

Sua definição determina que o tempo é algo que pode ser repartido e apurado (numerado), tendo como função principal qualificar numericamente várias coisas, inclusive a si mesmo, estando desta forma, lado a lado com o movimento e sendo dirigido pelo móvel.

A percepção do movimento o fará mais lento ou mais rápido, porém ele acaba sendo o mesmo em todos lugares, logo não se contém o tempo no movimento. Por fim, permanece o não ser, como é o caso do “agora”, que em si seria seu constituinte, mas não o é no todo. Sendo aparente uma característica fundamental da personalidade questionadora do filósofo, que faz ver aquilo que é e ao mesmo tempo não pode sê-lo em concretude, constituindo então o não revelado, oculto (*devir*) - forte motivador do questionar.

Ele é potência e constante forma de potenciar.

Plotino em suas Enéadas (Ἐννεάδες, 270, III, XI, 39) - demonstra que o tempo pode ser visto como a vida da alma, em uma transição das sucessivas experiências da vivência:

a imagem da unidade, aquilo que é uma unidade em continuidade; em vez do já infinito e completo, o avanço para o infinito sempre em direção ao sucessivo; em vez de um todo imediato, aquilo que será um todo por partes e um todo sempre no porvir. (PLOTINO, *Ἐννεάδες* III, XI, 47)

A alma, então, é associada diretamente ao tempo, e a eternidade não pode ser vista como uma parcela externa do ser, apenas coexistindo com a mesma. Uma reflexão cuja qual faz averiguar sobre a existência do tempo nos seres, já que esses estão no universo e “ele está em toda alma dessa espécie, e da mesma forma em todas, e todas são uma só”, sendo impossível sua extinção pois, “também não o será a eternidade, que, de um modo diferente, está em todos os seres de sua espécie.” (III, XIII, 64-65)

A alma o contém e está contida nele.

Berkeley em seu Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano (*A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge*, 1734) se demonstra influenciado pelas correntes da ciência experimental/física, passando a discutir perspectivas da especulação filosófica (Metafísica) como uma certa barreira a real compreensão de fatos complexos e não complexos, idealizando que certos conceitos se tornam particularidades do homem, que não pode por si cogita-los, vivendo em suma com os mesmos, tratando-os de forma incompreensível, logo as ideias só constroem a representação das ideias. Dessa forma o mesmo assume que “se tento formar ideia do tempo, abstraída da sucessão de ideias do meu espírito e em fluxão uniforme partilhada por todos os seres, perco-me em dificuldades inextricáveis.” (Berkeley, 1710, 1. 98)

Ele está para todos na consciência.

Derivado dessa linha de pensamento manifesta-se Newton, que formaliza o título Princípios Matemáticos da Filosofia Natural (*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, 1686), partindo agora ao pólo científico, ao buscar sintetizar o tempo “*abfolutum verum & Mathematicum*” (absoluto, verdadeiro e matemático), sendo independente de qualquer outro fator fora de si, “flui de modo uniforme, e com outro nome chama-se duração”. Portanto, o tempo “*relativum apparens & vulgare*” (relativo, aparente e vulgar) acaba se tornando uma medida “qualquer, sensível e externa” baseada na duração do movimento. A medida de tempo assim é vista como um confronto entre o fluir da duração absoluta com a uniformidade do movimento. (Scholium, I, p. 6)

Está uma medida na ciência, sendo perceptível e denominavelmente composta.

A segunda perspectiva é vinculada ao conceito de consciência, que seria a responsável por identificar o tempo. Sobre a singularidade do presente, passado e futuro, dados como bens da consciência, Santo Agostinho em suas Confissões (397-398, XI, XX) afirma que não existe o tempo

além do presente e que seria mais apropriado que se intuísse “o presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras”. Logo, estes são produtos unicamente da alma, a junção desses signos forma a “lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (memória, percepção direta, esperança).

Uma crítica do autor se deve não ao fato do uso das palavras, mas de uso de suas significâncias (vulgarização), como modalidade de construção de cenários que se faz crer “que o futuro já existe e que o passado ainda existe”, é preciso refinar o olhar e averiguar que com essa certeza entende-se que o tempo existe, “Como o sabes? – eu responderia: Sei porque o medimos, e porque é impossível medir o que não existe”, desta forma o presente só existe em sua transição constante e em seguida, no que passou e no que virá, fica impossível mensurá-lo (XI, XXI, 6-7).

Existe através da medida, é agora e se foi, mas será agora novamente, e será em seguida.

Schelling escreve em seu Sistema do Idealismo Transcendental (*System des transzendentalen Idealismus*, 1800, seção III, Segunda época), que o tempo é uma coisa somente devido ao sentido interno, convertendo-se assim em objeto para si. Por sua vez o espaço agiria da mesma forma ao se relacionar com o sentido externo. Ou seja, ambos são partes da intuição do eu e podem se fazer objeto a partir do ponto que são fora do próprio eu.⁴

Sem a consciência e intuição ele se dissolve, mas não desaparece.

Husserl na sua obra *Ideas* (*Ideen*, 1913, I, § 82), estabelece o tempo fenomenológico e determina que as experiências do tempo são:

necessariamente vinculadas a consciência do agora e do que ocorreu a um momento atrás, consciência que é ela mesma por sua vez um agora. Nenhuma vivência pode cessar sem consciência do cessar e do haver terminado, e está é um novo agora completo. A corrente das vivências é uma unidade infinita, e a forma de corrente é uma forma que abarca necessariamente todas as vivências de um eu puro - com variados sistemas de formas. (HUSSERL, § 82, 15)

A consciência é parte fundamental da vivência com o tempo, sem ela não seria possível compreender o agora e a extensão de nosso tempo, já que “toda vivência real é necessariamente uma vivência que dura”, essa por sua vez se estabelece como um conjunto de fatos que ocorreram e ocorrem no dado presente, compreendendo que “toda vivência pertence a uma *corrente de vivências* infinitas”. Logo, quando se estabelece isoladamente, como no caso da alegria, poderá haver um princípio e um fim, “pondo término a sua duração”, porém essa não extingue a corrente das vivências gerais, pois essa não “pode começar nem terminar”. Para compreender o tempo será

⁴ *System des transzendentalen Idealismus*, seq. III, Segunda época, 470, trad. ep., p. 271

necessário que o eu assuma de modo puro a dada vivência (como ser temporal) e “apreenda como realmente existente ou como durando no tempo fenomenológico.” (§ 81)

É um fenômeno inesgotável, momentâneo, mas imparável.

Por fim, retomando, a terceira corrente de significado, é advinda do existencialismo, onde se propõe novas perspectivas de análise do conceito de tempo. Tendo Heidegger como uma referência na questão do tempo, ao cunhar o tratado de Ser e Tempo (*Sein und Zeit*, 1927, § 65) diferenciando das outras correntes a partir do ponto que crê no futuro como a base principal, não o presente, “a pre-sença só pode *ser* o vigor de ter sido na medida em que é e está por-vir. O vigor de ter sido surge, de certo modo, do porvir”.

Os escritos nessa seção definem que o tempo seja uma espécie de movimento circular, pois o que já aconteceu é medida para o futuro, e, o oposto é o corrente, ou seja, o futuro a medida do que já ocorreu.

Pois somente a atualização, que atende e retém o transcurso do sol, que vem ao encontro junto com a descoberta dos entes intramundanos, é que possibilita e exige a datação que interpreta a si mesma, a partir do que publicamente à mão, no mundo circundante. (HEIDDEGER, § 80, 122)

Logo se observa que há um momento, nos tempos interpretados como ocupações, “quando amanhecer é tempo de trabalhar”. Sendo apropriado (“tempo de...”) e inapropriado (“não é tempo de ...”), nas ocorrências cotidianas “agora em que isso ou aquilo”, que nos leva a conhecer o tempo como *público*, por sua vez esse se mostra difuso, já que, apresenta o desconhecimento de parte da natureza do tempo como aberto e em infinita sucessão de instantes. (§§ 80-81)

É um Norte dado, aproveita-se dele, aquele que o interpreta como guia.

A corrente histórico-filosófica nos faz averiguar a tradição da constituição do tempo-no-tempo, onde se buscou mediante a inquietação do descobrir, do avançar no entendimento a um emaranhado conceitual de fato e fardo complexo. Então, como será o tempo se antes de investigá-lo apenas o questionarmos ao ser?

É provável, que nunca haverá um consentimento, no entanto também não haverá uma larga disparidade, sentir o tempo acaba sendo algo provável e evidenciável a cada dia que se vive a cada indivíduo consciente de sua vivência. Mas como buscá-lo a base do fenômeno, em uma construção mais autêntica?

Obviamente, através da fenomenologia, porém antes, é preciso compreender a diferença da profundidade que se busca, a possibilidade de tal fim se faz em arguir de um modo ôntico ou ontológico. Chauí (2000) apresenta a diferença entre ôntico e ontológico:

Ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com outros entes. Ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes, à investigação dos conceitos que nos permitam conhecer e determinar pelo pensamento em que consistem as modalidades ônticas, quais os métodos adequados para o estudo de cada uma delas, quais as categorias que se aplicam a cada uma delas. (CHAUÍ, 2000, p. 304)

Caso se analise o tempo como a forma pela qual são medidas as horas, os dias, os anos, terá o mesmo sido colocado na sua base ôntica, na estrutura ideal, já que, “não são coisas materiais, mas idéias gerais, concebidas pelo pensamento lógico, matemático, científico, filosófico” (Chauí, 2000); onde ele é um fenômeno particular que responde a ciência com o factual, o visto na presença do ente como particular. Para tanto o cientista precisa “apresentar uma realidade, conceber dúvidas sobre essa realidade e a partir disso fazer a problematização científica” (Boava e Macedo, 2011).

Ao avaliar o tempo na forma ontológica se faz preciso problematizar e questionar, buscando um novo sentido que possa ser esclarecedor de lacunas, inquietações e constituir um aprofundamento na temática, dando novas possibilidades de averiguação, ao analisar “as diferenças e relações entre eles, seu modo de existir, sua origem, sua finalidade”, logo o que denota a diferenciação fundamental, “é o modo de aparição do fenômeno (como ver)” (Boava e Macedo, 2011).

A corrente seguida por esse trabalho é derivada do tempo como estrutura de possibilidades, a vertente moderna que vê em algumas expressões como “projeto ou projeção, antecipação, expectativa” (Abbagnano, 2007).

Projeto ou projeção	Qualquer previsão, predição, predisposição, plano, ordenação predeterminação, etc, bem como o modo de ser ou de agir próprio de quem recorre a possibilidades. Chamam-se projetivas as técnicas de averiguação psicológica que consistem em apresentar um material (especialmente figuras) de significação ambígua, que pode ser interpretado segundo tendências, necessidades ou repressões, e cuja interpretação pode revelar o estado de quem o interpreta. (Abbagnano, 2007, p.800)
Antecipação	Tudo que pode ser conhecido <i>a priori</i> em toda sensação como sensação em geral. Em certo sentido podem-se considerar o espaço e o tempo antecipações das aparências [fenômenos] (Mora, 2000, p. 146)
Expectativa	Antecipação de um acontecimento futuro. Uma das formas da atenção ou atenção expectante, que é o preparo para a ação e a disposição das condições mentais capazes de enfrentá-la. (Abbagnano, 2007, p. 406)

Quadro II: Significado do tempo como estrutura de possibilidade

Fonte: Adaptado de Abbagnano (2007) e Mora (2000)

O tempo é averiguado desta forma como uma possibilidade que deve utilizar recursos para tentar prever cenários dos quais o ser tende a interagir em momentos próximos, há a capacidade de poder experimentar o que virá, antes mesmo de acontecer, gerando faculdades que favorecem uma melhor forma de responder. Essa construção formaliza respostas que revelam o íntimo do indivíduo e o predispõe a aprender consigo e com o meio, o passado se torna uma lição que espera pela prática presente e resguarda no futuro a ação reflexiva e estratégica de atuação.

Na sequência, apresenta-se o tempo no contexto da administração, uma abordagem sobre preceitos e interação entre o campo da Administração e o tempo, como um recurso e um bem para o usuário e as organizações.

2. O TEMPO NO CONTEXTO DA ADMINISTRAÇÃO

Um semestre contém aproximadamente 180 dias compostos por 4.320 horas, 259.200 minutos e 15.552.000 segundos. O curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto contém 8 períodos, elevando a proporção do total semestral, a 1.440 dias, 103.680 horas, 6.220.800 minutos e 373.248.000 segundos de possibilidades somadas a base teórica das disciplinas conjuntamente com estágio e atividades extracurriculares obrigatórios.

Essa visão temporal do curso leva ao filósofo grego Teofrasto (387-287 a.C.), para cujo qual, “o tempo custa caro”, essa expressão representava a soma de suas oportunidades e a corrente de sua produção, já que o mesmo escreveu em toda sua vida mais de 200 obras em 500 volumes, tendo a média de produção de um livro a cada dois meses. Teofrasto foi discípulo de Aristóteles e, posteriormente, com o segundo exílio do mestre, assumiu o Liceu. Silva (2014), averigua traços da personalidade do autor:

Da imagem, ainda que um tanto vaga, que nos chegou da sua actividade parecem avultar duas características: em primeiro lugar, a do gestor atento, que conhece bem a instabilidade do ambiente que o cerca e os riscos que essa situação representa para a segurança e futuro da escola que dirige (...) (SILVA, 2014, p. 10)

Sua concepção temporal, era de que o tempo é um meio cujo qual não retorna (bem escasso), portanto é necessário utilizá-lo com sabedoria. Não há a figura do administrador, mas nessa simples corrente vemos princípios fundamentais da administração moderna - recursos, gestão e manejo do risco.

Mas como se pode considerar o tempo como “caro”? Heráclito de Éfeso (Ἡράκλειτος ὁ Ἐφέσιος) propõe: “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti” (Souza, 1996, p. 32, D12), o que indica que as coisas passam, em suma elas mudam, logo esse pensamento se dirige ao que Heidegger (1927) diz ser uma das três naturezas do ser-aí, sua finitude (ser para a morte). Custar caro nesse ponto informa que o homem é um ser *porvir*, sempre num perpétuo manifestar do futuro e caso ele se perca acaba vivendo uma vida vazia e quando menos perceber, já estará acabado. O tempo é um valor para com a vida.

A interpretação dos escritos de Teofrasto vieram mais tarde influenciar outra figura de expressão histórica, Benjamin Franklin (1706-1790), que em seu contexto, atualizou e utilizou a célebre frase de uma forma mais monetarista, levando-o a determinar que “tempo é dinheiro”.

Franklin cunha essa expressão em seu manuscrito *Advice to a young Tradesm* (1748), no qual averiguava nas possibilidades em detrimento do fato de deixar de ganhar com elas, assim caso seja possível ganhar um certo valor diário e se abra mão dessa possibilidade auferindo metade, prevê o autor, se gastou o valor monetário ou se perdeu parte do dia - o tempo virou a moeda - não obter o retorno é desperdiçar um bem precioso.

A importância do tempo na produtividade se demonstra a partir da Primeira Revolução Industrial, na qual a performance total se torna a especialização individual, pois o artesão não mais produz o bem na totalidade, mas sim, passa a confeccionar pequenas partes. Desse momento se observa a busca do aumento da produtividade e do acúmulo de capital. Souza e Oliveira (2006) contextualizam o momento propondo que:

A expressão Revolução Industrial é usualmente empregada para assinalar mudanças sociais e econômicas que marcam a transição de um modo de vida centrado em atividades estáveis na agricultura e no comércio, para um outro centrado na velocidade das descobertas mecânicas e no emprego de máquinas complexas em amplas instalações fabris, submetendo o campo à cidade. Esse período está compreendido entre as metades dos Séculos XVIII e XIX. (SOUZA e OLIVEIRA, 2006, p. 63-64)

Um modelo aplicado sobre os trabalhadores é a experiência de Hawthorne (Chicago, 1927) - E conduzida por Elton Mayo (1880-1949), no qual foram avaliados os graus de performance de funcionários mediante estímulos de luz, sombra, fadiga, rotatividade de pessoal, entre outros. As fases do experimento levaram a conclusão que o fator psicológico seria preponderante sobre os externos como iluminação, porém é preciso avaliar que nos testes seguintes pausas na produção colaboraram no aumento produtivo, do mesmo modo que houveram vários retrocessos experienciáveis. Problemática então advém da não percepção que o que se buscava a fim era a melhor performance no tempo, como conduzir os colaboradores aos resultados esperados em tempos esperados.

Ao partir desse pressuposto surge um questionamento, o que é o tempo para administração?

A Administração se configura como uma técnica que busca utilizar de um cenário de escassez e convergir os recursos a fim de maximizá-los. Dentre os recursos que devem ser manejados, se enquadra o tempo - esse tem como particularidade ser escasso e irreversível - e de conter e estar contido no todo. Como afirma Estrada, Flores e Schimith (2011) sobre a busca do resultado mediante o manejo deste bem:

A gestão do tempo ganha, assim, crescente destaque nos dias atuais, devido à necessidade de se obter um melhor aproveitamento do tempo (eficiência) e de se atingir objetivos e melhores resultados (eficácia). Isto exige a melhoria de hábitos e comportamentos, bem

como o uso de técnicas e instrumentos para gerir, com maior eficiência, as atividades no tempo. (ESTRADA, FLORES E SCHIMITH, 2011, p. 2)

Portanto, o administrador, um usuário de técnicas administrativas, deve saber conduzir os recursos a fim de atingir os objetivos da organização, sendo que nesse sentido o próprio agente se configura como um recurso. Conseqüentemente, se fará necessário que o mesmo também se enquadre no seu próprio manejo, na busca de “substituir hábitos negativos por positivos”, requerendo do indivíduo “firmeza de propósito e da proatividade”, ao aplicar “o Planejamento Estratégico Pessoal” de “forma sistêmica”, buscando a crença de poder aumentar sua propensão ao sucesso (ESTRADA, FLORES E SCHIMITH, 2011).

As organizações, entendidas como centros de alocação de trabalho e seres⁵ na busca da sobrevivência, procuram conduzir o tempo a seu favor, com isso operam o controle dos indivíduos baseado em avanços na pesquisa relativa ao manejo do tempo, oferecendo subterfúgios em prol da adequação da sociedade aos novos padrões estabelecidos/exigidos pelo mercado, Cardoso (2014) demonstra que:

Por exemplo, o mito da contínua melhoria baseada em apenas um caminho e o desenvolvimento ou a metáfora do trabalho como forma de galgar novos postos da carreira estão inseridos nessa forma de pensamento. A crença em constante progresso e a ideia do ciclo de vida da organização são resultados tangíveis desse processo. Além disso, a popularidade dos conceitos, tal como gerenciamento de tempo e produção *just in time*, mostram uma fixação intensiva na percepção de tempo linear entre as organizações. Nesse sentido, torna-se muito claro porque a pontualidade, atendimento e conformação com horários são fatores tão importantes na avaliação do desempenho dos trabalhadores. (CARDOSO, 2014, p.13)

Lasta e Durante (2011) demonstram que Fayol definiu as funções do administrador como sendo a capacidade de prever, organizar, comandar, coordenar e controlar. Lacombe (2009, 2015) afirma que é quase impossível definir um administrador perfeito, já que existem muitos tipos de atuação e posições que exigem habilidades muitas vezes opostas entre os postos profissionais, mas esse profissional em um geral, conterà em uma forma padrão as seguintes habilidades que o definiram um administrador: 1. Comunicação e expressão, 2. Raciocínio lógico, crítico e analítico, 3. Visão sistêmica e estratégica, 4. Criatividade e iniciativa, 5. Negociação, 6. Tomada de decisão, 7. Liderança, 8. Trabalho em equipe.

⁵ Seres conduzidos por seres. O homem cria a organização e luta para sua sobrevivência, essa sobre a égide do sucesso perdura e consegue superar a limitação de seu criador, que fadado ao tempo sucumbe. As organizações são com tal característica seres atemporais que constituídas, por fontes humanas, buscam sua sobrevivência, ela se torna uma entidade viva que sustenta e permite condições de outros seres a sobrevivência.

Definindo assim que em uma organização as funções seguem ciclos cronológicos, que devem ser estabelecidos como etapas e estas devem proporcionar a apresentação de uma especificidade, como visto abaixo:

	Passado:	Presente:	Futuro:
Prever	<i>Aprendizado;</i>	Realidade <i>somada</i> aos avanços ocorridos na tentativa de prever o cenário a frente;	Prática e reposicionamento, avanço gera um resultado;
Organizar	Compreender a organização como um <i>histórico existente</i> , deste se busca sanar as lacunas;	<i>Adequar</i> medidas a demanda atual, tapando as falhas anteriores;	Sistematizar formas de <i>avançar aos projetos/objetivos</i> estabelecidos a frente;
Comandar	Observar a dinâmica <i>que foi</i> utilizada pela organização;	Estabelecer critérios a realidade e dinâmica de trabalho <i>atual</i> ;	Utilizar possibilidades de <i>avançar</i> para meios mais eficientes;
Coordenar e controlar	<i>Aprendizado</i> das regras e cultura interna transmitida;	Dinamizar a cultura para <i>reforçar</i> traços desejáveis de controle;	<i>Reviver</i> a cultura e aprofundá-la, utilizar a mesma como um bem que qualifica a organização como única;

Quadro III: Funções do administrador no tempo

Fonte: Criação do autor

O processo organizacional passa a se tornar um ciclo no tempo, onde o administrador prepondera como a chave de planejamento, execução e reavaliação. O fenômeno do administrar no tempo se forma com o ciclo de atuação do profissional:

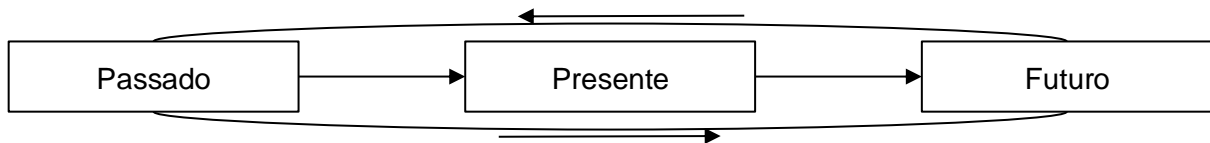


Figura I: Ciclos organizacionais sob atuação do administrador.

Fonte: Criação do autor

Onde o passado é o tempo anterior ao ingresso do profissional na organização e será o após a realização de uma operação pré-datada, o presente é o após o concluído e, também, o momento de preparação para o projetar, no qual se busca aprender de modo a melhor lidar com as dinâmicas consideradas falhas ou fatos fora do foco, o futuro a datação do objetivo e a perspectiva de alcançar metas, seu avançar permite remanejar e atualizar, o que fará do processo um ciclo de tempo, com data para começar, terminar e recomeçar. Estes ficam condicionados ao alcance de resultados e se transmutam, o presente será passado no futuro e o futuro passado do novo presente. Lacombe (2015), denota que a prática no tempo do administrador precisa de um foco, logo:

O mais importante é procurar fazer de cada dificuldade, de cada fato vivenciado, de cada situação, uma lição de vida, procurando analisar por que as coisas aconteceram de uma forma e não de outra; por que determinadas decisões foram tomadas; por que as pessoas agiram assim; o que estava por trás do que se via na aparência o que se desejava de fato e quais eram os interesses reais dos que tomaram as decisões. (LACOMBE, 2015, p. 21)

No nível da organização e sua cadeia produtiva se estabelecem através de Guerreiro e Soutes (2013) que o gerenciamento do tempo poderá ser compreendido como uma ferramenta estratégica, pois tenta “entregar ao consumidor um produto com alta qualidade, com o menor preço e dentro do menor prazo possível”. Os custos passam a medir o tempo como um fator que incide sobre desperdícios internos e externos, exigindo um elevado grau de interação entre os setores e fornecedores, em resumo a cadeia produtiva deve operar em sincronia, pois deixar tempo ocioso, ou perdido em operações influenciará os resultados financeiros da empresa.

Logo se denominam duas posturas perante o tempo, a Gestão Baseada no tempo e a Competição Baseada em tempo:

Gestão Baseada no Tempo é como a empresa coordena suas atividades visando à redução do tempo e Competição Baseada em Tempo é como as empresas estabelecem estratégias de negócio com base no fator tempo (...) A Competição Baseada no Tempo enfatiza que o valor estratégico do tempo é baseado em três fontes principais: (i) Rápido tempo de resposta influencia um prêmio no preço; (ii) rápida entrega de produtos personalizados atrai mais clientes e encoraja a lealdade à marca e isso resulta em um incremento na participação de mercado; (iii) ciclo rápido de atividades economiza custos, notadamente custos de produção e logísticos, o que resulta em maior margem de contribuição, redução de custos fixos e, portanto, maior lucro. (GUERREIRO e SOUTES, 2013, p. 182)

Apresentando fatores da produtividade que se tornam orientados pela perspectiva de gestão do tempo, sendo:

- Alinhamento estratégico - organizar a empresa com propósito de reduzir o tempo;
- Gestão de suprimentos - redução de ciclos operacionais;
- Gestão de produção - orientação através da filosofia *Just in Time*;

- Gestão de distribuição - construção de indicadores de desempenho produtivo;
- Indicadores de desempenho - financeiros e não financeiros. (Guerreiro e Soutes, 2013)

Como forma de compreensão, o tempo na administração é reconhecido como existente e dotado de particularidades que devem ser utilizadas como fonte de melhoria das práticas organizacionais, tornando-se, capaz de fomentar o alcance de metas e conduzir a percepção geral da atividade com o cuidado do recurso temporal, este podendo ser averiguado como causa do incremento dos resultados financeiros. As avaliações da produção e de ciclos produtivos e/ou gerenciais reforçam que o manejo desse bem é valioso para que se consigam determinar novas práticas que alcancem com maior precisão os resultados almejados, permitindo também o perspectivismo da superação à base dos bens financeiros.

O tempo será, então, medido cronologicamente e tenderá a ser cada vez mais fracionado servindo como um instrumento de medida de eficiência, essa prática por sua vez irá incorporar a cultura e sistema produtivo organizacional os métodos previstos como adequáveis ao nível de exigência do mercado e da própria organização em perspectivas de crescimento/produativas desejáveis.

Não se encontram muitos estudos sobre a temática tempo na administração que não se voltem a condição do capital, ou seja, o tempo voltado as finanças, sua organização, condução e as ditas melhores práticas.

Lana et al (2018) efetuou um levantamento bibliométrico sobre as “implicações metodológicas e interpretativas da inclusão do tempo no debate em administração no Brasil”, num período de seis anos (2010-2016), em cinco consagrados periódicos nacionais, no qual foram encontrados “995 artigos publicados nestas revistas (...), dos quais 56 (5,26%) abordam o tema tempo empiricamente e apenas 12 (1,21%) de forma empírico-teórica”.

Logo, o presente estudo se realiza em uma performance que busca aprofundar o conceito temporal, tentando enquadrá-lo a administração como um reforço na construção da ciência administrativa, por bases filosóficas. Apresentam-se, desse modo, a seguir as formas metodológicas utilizadas na tentativa de alcançar alicerces de sustentação a análise do escopo de entrevistas e dos meios que guiaram a pesquisa de fontes referenciais.

3. METODOLOGIA

3.1. Delineamento

No sentido de alcançar os objetivos, se faz necessário utilizar métodos propostos pela literatura, embasando os conhecimentos presentes, com os advindos de outros pensadores, formando bases de sustentação, evitando aí a “criação do já criado”. Assim, um método que permite maior originalidade e construção de novos conhecimentos desapegados do caráter estritamente cientificista se determina pelo fenomenológico.

Esse aporte foi escolhido por seu caráter, Boava e Macedo (2011), que não é empírico, nem indutivo ou dedutivo, mas sim, descritivo. Desse modo, se descarta o uso do método quantitativo, que tende a ser mais empirista/ positivista, e se propõe utilizar a proposta qualitativa, já que, se busca não um referencial numérico, mas sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc (Gerhardt e Silveira, 2009). Todo levantamento efetuado não se “expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.” (Dalfovo, Lana, Silveira, 2008)

O uso de pesquisa qualitativa, dignifica seu usuário como sujeito e objeto, ou seja, a interação da pesquisa observa sua cerne e a reflete em seu pesquisador, buscando expandir o campo reflexivo vislumbrado e dar-lhe novas possibilidades. Logo:

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32)

A função deste tipo de pesquisa “ilumina, esclarece o dinamismo interno das situações frequentemente invisível para observadores externos.” (Godoy, 1995) O que vem de encontro com a fundamentação de Boava e Macedo (2011) que explanam sobre a fenomenologia descritiva, advinda de Husserl, e reforçam a opção pelo uso do método fenomenológico:

(...) um tipo de abordagem reflexiva, evidencial e eideticamente descritiva, tanto dos encontros entre seres como dos estabelecidos entre ser e objeto. Trata-se da inauguração da fenomenologia, quando são abordados problemas referentes à lógica, à linguagem, à percepção e a vários tipos de representação (como por exemplo, expectativa, imaginação e memória). (BOAVA E MACEDO, 2011, p. 473)

Analisar o entendimento do usuário sobre sua escolha, o direcionamento que o mesmo pretende dar a sua vida, é avaliar o mais profundo da representação de um indivíduo; é averiguar

na linguagem, na percepção, o fenômeno de interação com o tempo, escapando dos vieses preestabelecidos, apenas o agente com sua percepção.

Gil (2008) prevê que o método fenomenológico, busca construir uma maior solidez para todas as ciências, tornando-as libertas de preconceções: “as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são *ingênuas*”, tendo a “consciência doadora originária”, o papel de ser o âmago das proposições da racionalidade. Tem-se destaque a necessidade de “avançar para as próprias coisas” como fundamento chave.

Sobre o Método Fenomenológico, o mesmo também é entendido como uma atitude, um modo de agir. O que acaba levando a uma pequena contextualização e apresentação de características ímpares do ser fenomenólogo. Se faz necessário assim abordar o contexto de sua criação e alguns nortes estabelecidos em sua fundamentação, no próximo tópico.

Retomando sobre o aporte Qualitativo é preciso compreender seu papel para o pesquisador tanto quanto ao que se pesquisa. Martins (2004) entende que:

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. (MARTINS, 2004, p. 4)

O desafio arraigado no qualitativo o prevê em uma armadilha, seus resultados jamais assumem um ponto fixo de dogmatismo e sempre se mantém em aberto com a possibilidade de se tornarem sobrepostos, a inquietação da pesquisa requer aprofundamento de contexto e bases históricas de seu usuário, firmando uma certa concretude ao desafio de compreender sua sociedade no hoje, no ontem e em um futuro próximo.

Dalfovo, Lana, Silveira (2008) entendem que:

Para estudos em Administração de Empresas, essa conceituação pode ser adaptada. Conservando a idéia de que a pesquisa qualitativa não envolve a quantificação de fenômenos, em Administração ela pode ser associada com a coleta e análise de texto (falado e escrito) e a observação direta do comportamento. (DALFOVO, LANA, SILVEIRA, 2008, P. 10)

A dificuldade de estabelecer hipóteses faz com que se busque a construção de um panorama mais aberto, que congregue a visão do todo sem o estabelecimento de fins, mais sim meios na tentativa de melhoria da compreensão da relação dos fenômenos abordados, logo explorar o tema abre novas possibilidades de compreensão. Raupp e Bauren (2006):

Uma característica interessante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática não contemplada de modo satisfatório anteriormente. Assim, contribui para o esclarecimento de questões superficialmente abordadas sobre o assunto. (RAUPP E BAUREN, 2006, p. 80)

Partindo desse pressuposto o estudo da temática explorada acaba por “reunir mais conhecimento e incorporar características inéditas” possibilitando a abordagem de “novas dimensões até então não conhecidas”. Ao fomento da ciência, é uma base que favorece “a realização de outros tipos de pesquisa acerca do mesmo tema” dando a ampliação dos estudos, abrindo o escopo temático que passará a ser um bem que pode ser somado a outros métodos e referenciais teóricos. (RAUPP E BAUREN, 2006)

A utilidade se expande quando se observa que os estudos na administração podem compreender cenários com implicações de particularidades, permitindo a existência de “inúmeras explicações alternativas” para um mesmo fato, ao explorar o tema o investigador poderá “tomar conhecimento, se não de todas, pelo menos de algumas delas.” (OLIVEIRA, 2011)

Na tentativa de efetivar a construção dos dados é preciso efetuar uma descrição das fontes que aproximam a ideia do tempo a administração. O raciocínio descritivo “descreve experiências vividas e se apoia em descrições de observações” sendo um processo que requer muita astúcia do pesquisador, já que, “os seres humanos são desatentos e tendem a ir direto às conclusões” e “deixam escapar detalhes.” (Thomas, Nelson, Silverman, 2012)

Esse processo busca a “compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado” pois “considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados”, logo é impossível averiguar o que se busca “sem compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.” (Godoy, 1995). Gil (2008) determina possibilidades que “vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação.”

3.2. Sobre o método

Edmund Husserl (1859-1938), é considerado o criador da fenomenologia. Sua criação advém da experiência com Franz Brentano (1838-1917), filósofo e psicólogo alemão, sendo esse mesmo também responsável por influenciar Sigmund Freud, aluno contemporâneo a Husserl. (Cobra, 2001)

O principal conceito advindo da experiência com Brentano é a intencionalidade (toda consciência é consciência de algo), a continuidade de estudos de Husserl leva ao desígnio onde passa a não reconhecer o psicologismo como a fonte final dos estudos filosóficos - vulgarmente apresentado como a transformação da filosofia em psicologia. “Para ele a base filosófica para a lógica e a matemática precisa começar com uma análise da experiência que está antes de todo pensamento formal.” (Cobra, 2001)

Entendendo que a inquietação de Husserl passava por acreditar que os filósofos estavam “complicando a teoria do conhecimento, em lugar de considerarem com objetividade o fenômeno da consciência como é experimentado pelo homem”. É como se o foco acabasse se perdendo nas descobertas filosóficas, levando-o a tomar como relevante “o que se passava na experiência de consciência, através de uma descrição precisa do fenômeno”. O que acaba de constituir o fundamento do nome fenomenologia, uma “ciência puramente descritiva, para somente depois passar a uma teoria transcendental à experiência, ou seja, para além do método científico”. (COBRA, 2001)

Para tanto Husserl adota uma busca tentando determinar na filosofia uma base epistemológica, que a reverteria em uma ciência do rigor (surgimento do método fenomenológico). Silva, Lopes, Diniz (2008) apresentam que na forma de ciência “Husserl a designa como um método e uma atitude intelectual, qual seja um método especificamente filosófico”, já como um método ela apresenta passos, “etapas estabelecidas como a redução fenomenológica”. O filósofo passou “a desenvolver uma teoria científica da filosofia em que a investigação lógica e fundamentada poderia revelar a essência inerente das coisas” (Given, 2008)

Husserl era matemático e utiliza de suas raízes ao desenvolver o *bracketing*, ou colocar em parênteses, logo “similar a uma equação matemática *bracketing* suspende elementos específicos colocando-os fora do parênteses, permitindo portanto o foco no fenômeno dentro do parênteses” (GIVEN, 2008)

Logo, a fenomenologia “está relacionada aos fenômenos que aparecem em nossa consciência quando nos envolvemos com o mundo ao nosso redor”. Há uma busca, nesse sentido, “pelo mundo tal como é experienciado pelos seres humanos em contextos particulares e em momentos particulares, e não em afirmações abstratas sobre a natureza do mundo em geral.” (WILLING, 2013)

Como perspectiva Husserl admite que não há sentido “pensar no mundo dos objetos e sujeitos como separados de nossa experiência”. A manifestação dos objetos e sujeitos tem um significado, esse por sua vez, estabelece a realidade do indivíduo. A forma como será detectado a presença do objeto como fenômeno “varia dependendo da localização e do contexto do observador, do ângulo de percepção e, principalmente, da orientação mental do mesmo.” (WILLING, 2013)

Moustakas (1994) expande o conceito de intencionalidade ao acrescentar a explicação sobre o noema e a noesis:

O noema corresponde em todos os pontos à noesis. Onde existe uma noesis, é sempre relacionado a um noema. O noema, na percepção, é o seu significado perceptivo ou o perceptivo como tal; na lembrança, lembrar como tal; em julgar; julgar como tal. (MOUSTAKAS, 1994, p. 69)

Então, quando uma pessoa “olha algo ou julga algo” é a aparição do noema, o que vem a percepção como tal. A parte noética é referida “ao físico em contraste com o sensorial”, as noesis por sua vez assumem consciência de um dado, se percebe que “em e através dos objetos noesis aparecem, brilham e são racionalmente determinados.” (Moustakas, 1994)

Ihde (1986; 2012) define, noema ou correlação noemática sendo o que é experimentado, como experiência; noesis ou correlação noética é o modo de experimentar que é detectado reflexivamente.

noesis → noema
 (Eu)noesis → noema
 (Sujeito na experiência - experimentador)experienciado → experimentado
 Ego-cogito-cogitatum

Esquema I: Movimento noético noemático de Ihde a Husserl

Fonte: Adaptado de Ihde (1986; 2012)

A atitude filosófica de Husserl o levou a continuar constantemente desenvolvendo seu método com a finalidade de que “os pesquisadores não cheguem a descobrir verdades universais de um dado fenômeno, mas possam obter autenticidade ou entendimento da realidade focal.” (Given, 2008)

Matos (2016) demonstra que a fenomenologia só se constitui pela via fenomenológica:

Husserl ao elaborar seus conceitos centrais, os vai “moldando” e, ao mesmo tempo, com eles, “molda” seu método no percurso histórico do desenvolvimento de seu pensamento. Afinal, não se pode fazer fenomenologia a não ser fenomenologicamente. (MATOS, 2016, p. 23)

Dotando a fenomenologia, além de um método, como uma atitude pessoal do constante descobrir, de uma busca eterna pelo revelar, do trazer ao centro da percepção, de apresentar o mundo a si no entendimento de seu vivente, compreendendo a fundo as complexidades dos particulares. O usuário da fenomenologia se transforma de uma forma geral, em um ser questionador, contemplativo e interpretativo do mundo e das singularidades que o cercam.

3.3. Lócus da pesquisa

O curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto teve início no ano de 2008, advindo de uma política expansionista do governo federal em relação às universidades federais, conjuntamente com a adesão a políticas de ingresso e manutenção de alunos através de políticas sócio-afirmativas promovidas pela instituição⁶.

A estrutura inicial se firma por um contrato de comodato entre a prefeitura Municipal de Mariana e a Universidade no ano de 2008, cedendo as instalações do colégio Padre Avelar, por um período de 20 anos. O contrato firmado tinha por interesse do município auxílio no fomento da economia, com a vinda e permanência de técnicos e professores, além da criação de postos de trabalho diversos. Por parte da Universidade a intenção era abrigar os novos cursos que se propunha no plano de expansão, no caso Administração, Ciências Econômicas, Comunicação e Serviço Social.

Foi previsto a criação de 258 vagas de professores e 206 para servidores técnicos-administrativos. Dentre as contrapartidas oferecidas pela Universidade, houve a construção de mais três prédios, abrigando blocos de sala de aula, de professores, biblioteca, laboratórios, rádio, estúdio de gravação e restaurante universitário.

Já formalizado e começando sua primeira turma no segundo semestre de 2008, o curso, firmou seus objetivos e linhas de pesquisa a que se propunha. Assim, a base se objetiva na “formação de profissionais dotados de competências para se tornarem gestores de empresas públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos” e que se tornem aptos “a empreender, criticar,

⁶ Apresentado no projeto REUNI 2008-2012, UFOP março de 2008: “O Plano de Expansão da UFOP prevê uma significativa ampliação da oferta de vagas anuais, de modo a atingir, em 2010, um total de 2.652 vagas, o que corresponde a um acréscimo de 134,6%. (...) Observa-se um expressivo incremento do número de vagas oferecidas no período noturno, que passam de 350 para 1.129, correspondendo a um acréscimo de 222,6%.” Seguido também pela criação dos cursos de Administração, Ciências Econômicas, Comunicação, Pedagogia e Serviço Social (todos em Mariana) – 530 vagas de 2008 a 2009. (p. 6-9)

analisar e interpretar informações com domínio de habilidades instrumentais básicas”, por fim, fornecendo “suporte ao mercado globalizado, contribuindo para a evolução sustentável da sociedade”. (PROGRAD)⁷

Um compromisso com o futuro dos graduandos, tanto quanto com o futuro da nação, ao retornar a ela profissionais mais conscientes e habilitados a lidar com os cenários de incerteza do cotidiano.

3.4. Sujeito de pesquisa

O ingresso ao curso se dá através do exame nacional do ensino médio (Enem), sendo oferecidas 50 vagas por semestre, sendo uma turma no período vespertino e outra no noturno, totalizando 100 novos alunos por ano, com permanência mínima de quatro anos na cidade.

O método de escolha dos indivíduos a serem pesquisados será efetuada a partir da metodologia conhecida como “Bola de neve”, um método não probabilístico, que em um primeiro momento busca indivíduos que passam a ser reconhecidos como sementes, determinados como agentes com boa relação com pesquisador e que podem abrir caminho para outros indivíduos que queiram participar, mas não tenham contato direto ou a proximidade necessária. Yin (2016) afirma que o efeito “bola de neve” ocorre quando os novos casos resultam na identificação de novos casos e assim por diante.

Após a entrevista, é proposto ao entrevistado a indicação de novos personagens que possam participar, e destes, novos, o processo se repetirá, até alcançar o ponto indicado como saturação. Vinuto (2014) apresenta a relevância observada no método:

A amostragem de bola de neve é utilizada, principalmente, para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes. (VINUTO, 2014, p. 205)

Se permite por isto o alcance de uma rede social de indivíduos que têm em comum o fato de estudarem as mesmas temáticas e que estarão, mesmo que em períodos diferentes, relacionados com as influências do ambiente de convívio e possibilidades de diálogo e interação constante.

Esse método possibilita ao pesquisador a propensão de continuar expandindo sua análise, coletando mais dados por cada novo entrevistado, até o ponto que observar um diálogo repetitivo

⁷ Fonte: <http://www.prograd.ufop.br/index.php/cursos> . Acessado em 05/01/2018, às 15:00.

e que não tem acrescentado ao desenvolvimento do trabalho, reconhecido aí como o estágio de saturação.

3.5. Processo de coleta de dados

O método de coleta de dados escolhido é a entrevista semiestruturada, segundo Lakatos (2003), a entrevista é o encontro de duas pessoas com intuito de que uma delas adquira informações sobre determinado assunto, em uma conversação.

No caso da pesquisa fenomenológica não se estrutura a entrevista, se elabora um roteiro e em meio à conversação se permite mediante aparições do fenômeno pesquisado guiar novas fronteiras, o que pode levar a resultados mais satisfatórios e antes não previstos nem idealizados pelo entrevistador. Moreira (2004) entende que:

O método em questão pesquisa fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa. (MOREIRA, 2004, p. 13)

Moustakas (1994) propõe que a pesquisa possua questões gerais, no sentido de proporcionar ao entrevistado a possibilidade de se sentir mais a vontade, e, ligar o mesmo diretamente ao encontro do fenômeno pesquisado. As perguntas gerais, ou a construção do relacionamento empático entre entrevistado e entrevistador, conduzem a aparição de respostas concretas da experiência, sendo mais livres de pré-julgamentos e barreiras de um desconhecido para com o outro. Foram realizadas considerando a saturação 19 entrevistas.

Para uma melhor forma de compreensão é apresentado o roteiro de entrevista, proposto aos participantes da pesquisa:

- 1) Descreva sua trajetória de vida/acadêmica até o curso de administração.
- 2) Como é a sua vivência na universidade?
- 3) Como você se visualiza na condição passada, presente e futura em relação a atividade de administrador?
- 4) Como você significa o tempo?
- 5) Como as potências do tempo se manifestam na forma geral? O que as possibilidades do tempo apresentam a sua vivência em um cotidiano geral?
- 6) O tempo e o administrador, em sua visão como se relacionam?
- 7) Ao estar administrador como se percebe o tempo?
- 8) Como o tempo e o dinheiro se relacionam no campo da Administração?

3.6. Técnica de análise de dados

Após a coleta de dados irá ser feito o refinamento do conteúdo e se buscará aplicar a *Epoché* (*ἐποχή*), Moustakas (1994) considera que esse método possibilita o encontro do verdadeiro conteúdo que se busca, já que os entendimentos cotidianos, os julgamentos e os preconceitos já estabelecidos são afastados e o fenômeno passa ser visto de modo desprovido de uma carga anterior, que pode distorcer e até mesmo eliminar a busca da essência.

Husserl chamou a liberdade de suposição de *Epoché*, uma palavra grega que significa se afastar ou abster-se. *Epoché* me conecta com minhas raízes gregas e contém a voz dos meus pais, uma expressão de sua preocupação, um alerta para estar vigilante, atento, olhar com cuidado, ver o que é realmente é, e ficar longe de hábitos cotidianos (costumes) de coisas do conhecimento, pessoas e eventos (...) Deixamos de lado nossos preconceitos e pré-julgamentos sobre as coisas. (MOUSTAKAS, 1994, p. 90)

Outro recurso utilizado será o Método de Giorgi, Giorgi, Morley (2017) que prevê as seguintes etapas em sua execução, a denominação das fases é derivado de Boava e Macedo (2011):

1 - Sentido do todo: ler as descrições escritas fornecidas pelos participantes até o final. Serve como uma possibilidade de se aproximar do linguajar do entrevistado e ao mesmo tempo visa um olhar da concretude, do todo exposto;

2 - Mudança no olhar: Exige do pesquisador a capacidade de transformar sua atitude em uma atitude reducionista fenomenológica. Assim, todo objeto que emergir do relato tende a ser considerado como fenômeno, objetos da consciência do indivíduo, a real existência desses objetos no entanto não é reconhecida - passando a ser entendidos como presença para a consciência da experiência. Para tanto se faz necessário reter a atitude natural;

3 - Discriminação das unidades de sentido: Mediante a possibilidade de descrições grandiosas e em sua impossibilidade de compreensão como um todo, é preciso dividi-las em unidades de sentido, exigindo releituras cuidadosas da unidade, e é possível a partir daí separar grupos de interesse do proposto, dividindo em partes que podem ser analisadas de forma mais centrada e mais próximas ao interesse da pesquisa. A cada releitura é possível marcar novas unidades. É preciso ficar atento ao fato de que a análise do pesquisador pode acabar entrando em conflito com a experiência do outro, logo será preciso converter toda análise de primeira pessoa para terceira pessoa, tornando o outro o agente focal;

4 - Transformação dos significados de forma fenomenológica: requer a adequação das expressões dos participantes, colaborando a sua apreensão. As transformações tem uma dupla

função, sendo a primeira de se expressar de forma mais direta em relação ao fenômeno pesquisado e a segunda de se enquadrar a outras descrições, mesmo que estas sejam bem diferentes;

5 - Obtenção da estrutura geral da vivência: formalizar um conteúdo relativo às unidades, que expresse a essência geral apresentada. Sendo reconhecida como um processo eidético que utiliza da redução eidética - que pode ser entendido de uma forma simplificadora como a busca pela essência, ao efetuar exaustiva análise sobre o fenômeno.

3.7. Redução fenomenológica

Em Husserl a redução fenomenológica possibilita alcançar a consideração transcendental, “através daquela, os objetos revelam-se em sua constituição, permitindo que o ser se torne consciência.” (Moreira e Torres, 2013)

Como forma de buscar compreender mais a fundo o fenômeno estudado se busca a utilização da Redução Fenomenológica Transcendental. *Redução* pois efetua o retorno “de volta as próprias experiências do modo como as coisas são”. *Fenomenológico* o mundo passa a ser visto e “se transforma em meros fenômenos”. *Transcendental* revelando o ego(eu) que diz que “tudo tem significado” (MOUSTAKAS, 1994).

Boava e Macedo (2011) assumem que esse método “proporciona ao investigador que suspenda a crença no mundo exterior”, fugindo dos usos cotidianos, da mesma forma que se fará “pelo modo como é vista pelos teóricos, filósofos ou cientistas.” Moreira (2004) sugere que se passe a um ponto de radicalização, o “da suspensão do mundo natural que não fica negado, nem se duvida de sua existência e não se compara nem com a dúvida cartesiana, nem com a negação da realidade”.

Na redução fenomenológica, “descrevemos o fenômeno que se apresenta a nós em sua totalidade” incluindo fatores que levam em consideração características sensoriais, físicas e sentimentais do experienciar, “através da redução fenomenológica, identificamos os constituintes da nossa experiência do fenômeno (...) nos tornamos conscientes do que faz da experiência o que ela é.” (Rogers e Willing, 2008)

Tendo como objetivo, Given (2013) apresenta:

alcançar um contato direto e primário com o mundo como o experimentamos, e não como o conceituamos. Mas a descoberta do mundo da vida pré-reflexivo através da técnica da redução sempre transcende o mundo da vida - quando colocamos a experiência de vida em vigília (entre aspas), experimentamos o significado. A redução destina-se a trazer os

aspectos do significado que pertencem aos fenômenos do nosso mundo da vida para a proximidade. Em particular, visa colocar em foco a singularidade do fenômeno para o qual estamos orientados. (GIVEN, 2013, p. 617)

Outro nome dado a essa redução é *Epoché*, anteriormente já citada, significando “suspensão do julgamento na filosofia grega” (Moreira, 2004). Tourinho (2012) vê a atitude de Husserl em relação a *Epoché* com a seguinte proposição:

Encontro-me continuamente como alguém que percebe, representa, pensa, sente, deseja, etc. Portanto, a atenção é deslocada do que é “transcendente” (no sentido do que está *fora* da minha vivência cognoscitiva) para o que é “imaneente” (para o que se revela *dentro* da minha vivência). Há aqui uma espécie de “redução psicológica” que promove a passagem do que é transcendente (do que se encontra “fora de mim”) para o domínio de uma imanência que poderíamos chamar de “imanência real” (ou psicológica), ou seja, para o que se revela em mim, a partir das minhas vivências, enquanto sujeito empírico. (TOURINHO, 2012, p. 32)

A grande dificuldade do processo é atingir a imersão necessária sobre a temática abordada, e como conseguir transformá-la em uma expressão, compreensível e que consiga clarear a “vida irrefletida da consciência” que se denota pela linguagem (emulador) em uma apresentação “através da escrita” (emulação) tendo a mesma o papel de “produzir retratos textuais que ressoam os tipos de significados que parecemos reconhecer na experiência pré-reflexiva.” O relato oral será transformado em relato escrito, esse tendo significância ampla de modo a permitir a interpretação e aproximação com a particularidade apresentada. (Rogers e Willing, 2008)

4. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentam-se as unidades de sentido levantadas mediante a análise fenomenológica do conteúdo exposto pelos entrevistados. Foi garantido a esses o anonimato e o cuidado da exposição dos objetivos cujo qual a pesquisa busca alcançar, tendo assim a ciência do foco de estudo e sua anuência como participantes voluntários.

Se identificam oito grandes unidade de sentido, que por um critério de agrupamento e tentativa de aprofundamento de conteúdo, foram ramificadas, expondo unidades de coesão dentro das unidades acima.

Unidade 1 - Descobrir-se para administração:

- Sub-unidade: Familiaridade;
 - Sub-unidade: Experiência;
 - Sub-unidade: Redescobrir-se
 - Sub-unidade: Particularidade.

Unidade 2 - Vivência Universitária:

- Sub-unidade: Fardo;
 - Sub-unidade: Fruição.

Unidade 3 - Passado, presente e futuro uma visão da administração:

- Sub-unidade: Passado;
 - Sub-unidade: Presente
 - Sub-unidade: Futuro.

Unidade 4 - Conceito de tempo

- Sub-unidade: Significado;
 - Sub-unidade: Postura;
 - Sub-unidade: Intuição.

Unidade 5 - Potências do tempo;

Unidade 6 - Administrador e o tempo

- Sub-unidade: Intrínseco;
 - Sub-unidade: Indiferente;
 - Sub-unidade: Adversidade.

Unidade 7 - Estar Administrador;

Unidade 8 - Tempo, dinheiro e Administração

- Sub-unidade: Popular;
 - Sub-unidade: A frente do visto

A ramificação das unidades foi proposta pela união do uso do método fenomenológico com a técnica bola de neve, para aquisição de entrevistas, uma vez que o resultado de saturação, indicativo que a pesquisa estava atingindo seu ponto de aproximação entre os entrevistados, acabou resultando na averiguação de significados que ligassem as opiniões de modo mais intrínseco, convertendo as unidades em aproximação e termos que fazem dessas uma visão do fenômeno de modo mais coeso.

A aproximação dos entrevistados do fenômeno buscado acaba os separando em respostas que vem contemplar mais profundamente a análise que se busca, nem todos os entrevistados se aproximam daquilo que se espera, logo a separação dos mesmos permite uma maior amplitude do respondido, um respondente acaba por acrescer e avançar no entendimento explicado com outro que por acaso o precedeu. Como exemplificado abaixo:

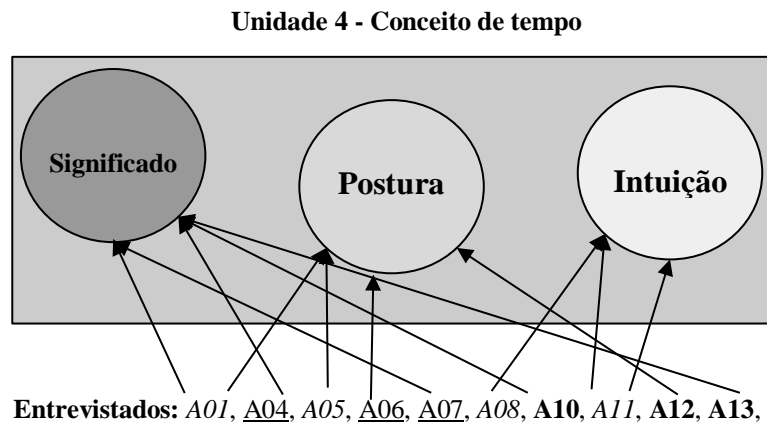


Figura II: Unidades de sentido e sub unidades

Fonte: Criação do autor

Isto posto, se apresentam os quadros relativos a cada unidade de sentido levantado, e suas respectivas sub-modalidades:

4.1. Unidade de sentido 1 - Descobrir-se para administração

Frases	Depoente:
Familiaridade: “pelo fato de minha mãe já ter começado a fazer o curso, era uma área que me interessou muito” “meu pai é administrador e eu ficava, assim, ouvindo as coisas que ele fazia na “ <i>Companhia de</i>	

<p><i>energia</i>” onde ele trabalhava e eu me interessei“</p> <p>“A minha família como um todo também tá bem nesse meio da administração”</p> <p>“meu interesse pelo curso eu acho que é principalmente, agora pelo lado da vida, é que meus pais são comerciantes, eles tem uma padaria”</p>	<p>A01, A04, A11, A14</p>
<p>Experiência:</p> <p>“Eu escolhi o curso de administração pela oportunidade por que eu vi que já trabalhava mais nessa área administrativa”</p> <p>“Eu sou formado em técnico em logística e através do técnico em logística eu me interessei pela área administrativa e optei por seguir essa área e chegar no curso de administração.”</p> <p>“eu fiz o curso de auxiliar administrativo, um ano de estágio “na estatal de entregas”, e aí eu comecei a gostar, cê gosta da coisa de trabalhar, tipo, de liderar”</p> <p>“fiquei de um ano e três meses como jovem aprendiz “<i>em uma instituição bancária</i>”, aí eu descobri que era bom pra danar trabalhar lá, cisme que eu queria trabalhar lá, só que pra mim ser efetivada lá eu tinha que tar no terceiro período ou de Administração, ou de economia, ou matemática, ou se não, ciências contábeis.”</p>	<p>A02, A08, A10, A16</p>
<p>Redescobrir-se:</p> <p>“não cheguei no curso de administração de cara, eu comecei a fazer o curso de física em “<i>uma federal do interior mineiro</i>”, tive alguns problemas por lá, não me adaptei ao curso resolvi mudar de curso, aí caí de paraquedas na administração”</p> <p>“eu tava em dúvida do que fazer, (...) passei em museologia, só que aí, o que acontece eu gostava de administração também e também de museologia”</p> <p>“curvei economia durante o primeiro período, mas também fui chamado pra administração, durante o processo seletivo e vi que me adaptei mais em administração.”</p> <p>“O curso de administração é generalista, isso eu acho interessante. Antes eu fazia psicologia, antes de vir pra cá, que é um curso de humanas, né? Saúde, mas voltado pra humanas, né? Mas eu nunca quis nada muito voltado, tipo muito humanas, nem muito exatas que também não fosse muito preso aquilo dali”</p>	<p>A07, A13, A15, A05</p>
<p>Particularidade:</p> <p>“pra mim foi um baque muito grande, então meio que eu caí de paraquedas mesmo”</p> <p>“eu já queria administração, porque é algo que eu acho bem amplo e eu posso atuar em diversas áreas”</p> <p>“escolhi a vida acadêmica de administração”</p>	<p>A03, A06, A09</p>

A opção pelo curso superior possui diversas variáveis que convergem a escolha de um caminho dentre a multiplicidade do leque de opções, a família apresenta na vivência do indivíduo

relações particulares que tendem a marcar seu caráter e gostos quanto ao “ser na sociedade”, o êxito, a capacidade empreendedora e o esforço dos membros do círculo familiar geram reflexos de incentivo e empatia, assim, estar *familiarizado* com a atividade faz dela algo mais atraente.

No mesmo caminho daquele que se ambienta com a *experiência* profissional e toma gosto pela execução da atividade, vendo na administração, como curso superior, a possibilidade de aumentar sua gama de conhecimento e aprofundar sua prática profissional que lhe faz mais realizado. Apresenta-se aí traços da personalidade que busca liderar e se torna satisfeito como administrador, seu gosto profissional.

Dentre a superação do estágio de ingresso no ambiente universitário se apresenta a possibilidade de se arrepender, e ter de se *redescobrir* e avaliar o peso da escolha sobre verdadeiros interesses. O ímpeto e o avanço a uma vida adulta, ser forçado a sair do seio familiar e avançar para uma nova realidade é uma transição complexa e leva a equívocos, esses podem ser reavaliados e medidos, buscando seu reparo através de novas opções, que parecem mais acertadas.

Podendo ser uma questão do indivíduo como sua forma de acontecer, escolha espontânea, uma *particularidade* optativa, acontece por opção, logo seguindo como a transição do ciclo de vida, saída do ensino médio ao desconhecido. Prevendo aí a oportunidade de atuar em diversas áreas da economia, do setor público ao privado, de ser um profissional do mercado ou um acadêmico em pesquisa.

4.2. Unidade de sentido 2 - Vivência universitária:

Frases	Depoente
<p>Fardo:</p> <p>“ao mesmo tempo que é uma experiência boa, é uma vivência muito boa, ela também é uma experiência muito cansativa.”</p> <p>“Viver na universidade é complicado, né? Porque você tem que lidar com a rotina, né? Você tem que adaptar (...) você vai ver cinco coisas. Quatro, cinco coisas assim, muito distintas e cê tem que dar conta de tudo, lidar com tudo. Você tem que ficar mudando chavinha assim, eu to aqui, agora to acolá, isso talvez seja mais complicado.”</p> <p>“É puxado... porque eu trabalho, aí as vezes eu chego aqui com sono aí tem que escrever alguma coisa aí não dá tempo porquê... dá tempo cê só não consegue ser produtivo, na verdade, porque o sono meio que atrapalha você.”</p> <p>“É como estar constantemente estudando, sempre eufórico, ansioso e desejando férias.”</p>	<p>A01, A05, A06, A07, A08, A09, A10</p>

<p>“É estressante um pouco, devido a toda a pressão psicológica por ter resultados e ser... fazer provas... enfim o método é muito teórico e pouco prático, eu coloco assim e isso gera um desgaste mental”</p> <p>“É complicado... Não é aquilo que a gente imagina de primeiro momento que é a Universidade é, pra mim tar no curso de administração as vezes gera uma certa frustração”</p> <p>“viver sobre pressão é o que a gente mais passa por aqui, responsabilidades, tem que ter responsabilidade com as coisas”</p>	
<p>Fruição:</p> <p>“Muito tranquila, é muito prazeroso, eu gosto muito da universidade minha turma eu acredito tem boas pessoas assim eu me integro bem com elas, então faz as aulas serem muito mais prazerosas, mais leves.”</p> <p>“Eu amo a Universidade, eu acho que é a melhor fase da minha vida, eu amo (...) é muito legal as minhas experiências que tenho aqui de vida e tal, eu cresci muito com isso (...) a faculdade proporciona momentos que eu nunca tinha vivido antes na fase escolar.”</p> <p>“eu acho que é tipo você quebra muitos paradigmas que cê tinha antes, quando se era adolescente, cê tem uma visão de mundo totalmente diferente interage com pessoas de culturas diferentes”</p> <p>“eu gosto desse ambiente, dessa questão da sala de aula, de você chegar ter um compromisso ali com o professor, assistir aula, sabe? Esse ambiente eu gosto de estar presente nesse ambiente, inclusive às vezes eu penso em até vir sábado e domingo pra cá se pudesse.”</p> <p>“eu amo, sempre gostei muito de estudar (...) eu gosto muito de estudar eu gosto muito desse ambiente acadêmico, tanto que agora, agora, do período passado pra cá eu to com a ideia de tentar seguir carreira acadêmica.“</p> <p>“Quando eu entrei achei maravilhoso porque querendo ou não cada pessoa é de um jeito, mas cada um, eu acho que dentro da faculdade tem, eu vejo mais respeito uma pessoa com a outra.”</p>	<p>A02, A04, A12, A13, A14, A16</p>

Viver no ambiente universitário é um desafio que vai cobrar de cada indivíduo uma parcela do seu tempo e entrega pessoal. Esse processo resulta em uma percepção de como o ambiente é, podendo ser visto como um *fardo*, já que na criação da rotina parte das expectativas se torne frustração e os desafios como bens cumulativos do aprender se tornem pressões por apresentar resultados, culminando em um grau de exigência que gera processos de ansiedade, euforia e necessidade de afastamento das obrigações. A constante necessidade de adequação agrava a rotina, pois tira o indivíduo de seu local de conforto e exige do mesmo a capacidade de integração, assimilação e avanço.

Por outro lado a experiência pode gerar naquele que a vivência um sentimento de *fruição*, que é relacionado a evolução como ser, o sentimento de crescer como pessoa em meio a um ambiente diferente do particular, aprender com os outros e interagir com as diferenças, detendo aí

a chance de abrir a mente e reconhecer um mundo muito mais amplo do que o imaginado anteriormente. O relacionamento com os novos companheiros e professores dentro e fora do ambiente de sala de aula possibilita uma redução das barreiras encontradas e proporciona momentos mais fáceis para os envolvidos.

Na totalidade da experiência universitária todos os indivíduos tendem a passar por momentos considerados como favoráveis e ao mesmo tempo aqueles que vão ser considerados desfavoráveis, o diferencial entre esses momentos é a percepção do particular e o que os une é a evolução temporal, que molda um indivíduo e o transforma em “um” ao entrar e em outro ao “sair”, todos estes se tornam munidos do acúmulo de suas experiências.

4.3. Unidade de sentido 3 - Passado, presente e futuro uma visão da administração

Frases	Depoente
<p>Passado:</p> <p>“me via leigo, né? Depois que a gente entra na universidade a gente percebe que a gente é leigo em relação ao campo da administração e que a gente pode conhecer, porque a gente tem uma visão muito restrita do campo”</p> <p>“Passada eu tinha pouca visão do que era administração”</p> <p>“Como passado eu não me via assim, talvez é claro que se tem ideias de negócio, no meu caso, tive ideias de negócio mas nada muito como será, tipo: “eu podia ter uma empresa x, na área y”</p> <p>“Passada péssima, até porque não conhecia, não tinha contato com a administração.”</p> <p>“Passada pra mim administração era só economizar dinheiro e aplicar melhor”</p> <p>“No passado eu não tinha uma vivência, assim, uma vivência não... uma visão da administração mesmo tanto que o meu lado financeiro mesmo eu não sabia gerir minhas contas, sabe? “</p> <p>“Eu nunca fui uma pessoa que tive geralmente capacidade de controlar muitas variáveis ao redor da minha vida e eu não enxergava a administração como uma coisa muito importante”</p> <p>“Em relação ao passado eu não tinha nenhuma noção da questão do administrador, da importância, até porque essa questão do administrador vai além das fronteiras da academia, essa questão de administrar também vale para o pessoal também, você organizar sua vida, seu dia-a-dia, o seu gosto.”</p> <p>“No passado não tinha perspectiva sobre administração... eu sempre quis fazer mas não achei que agregaria tanto”</p>	<p>A01, A02, A05, A06, A07, A08, A12, A13, A15</p>
<p>Presente:</p> <p>“hoje em termos de academia a gente tem uma visão mais ampla, mas nem todo mundo tem a opção de colocar essa visão que a academia proporciona em prática.”</p>	

<p>“presente ainda to nessa busca antes eu queria complementar já minha função, agora penso em alterá-la completamente, mas ainda não sei”</p> <p>“na universidade eu não me sinto Administrador aqui, eu me sinto estudando teorias sobre administração, que são muito bonitinhas, que no fundo eu sei que na vida real elas não se aplicam cem por cento, então aqui é muito difícil cê ver como o administrador, sendo no presente estudante de administração é bem engraçado, não deveria ser assim, mas no fundo é.”</p> <p>“já to tendo um contato então tô conseguindo, em si, colocar a administração na minha vida, em algumas partes.” .</p> <p>“hoje eu já descobri um mundo na administração, eu descobri assim, novas vertentes da área de administrador, descobri um conhecimento de que eu não tinha noção, a teoria que eu descobri que tenho até um gosto pela teoria, pela história da administração e percebi que administração é o mundo”</p>	<p>A01, A02, A05, A06, A13</p>
<p>Futuro:</p> <p>“em relação ao futuro eu vejo como um desafio, porque assim, é muita gente formando no campo da administração então a gente tem que se diferenciar de alguma forma (...) Não é só o curso tem toda uma vivência também por trás”</p> <p>“a parte do futuro, não sei onde me encaixarei, tenho tranquilidade assim quanto ao futuro, não tenho nenhuma certeza mas tenho uma tranquilidade do que virá, não sei que área atuarei.”</p> <p>“Não tenho, assim, medo de ir para outros lugares ir pra fora do Brasil, ou qualquer estado do Brasil, porque não sei, eu quero isso, eu quero tipo conhecer os lugares que podem me proporcionar uma boa experiência profissional não importa aonde”</p> <p>“pretendo quem sabe, abrir o próprio negócio, mas é algo ainda a se pensar, porque é muito arriscado, né? Você tem que enfrentar dificuldades porque não tem segurança, né? Então é aquela coisa que você tem que pesar (...) pra ter autonomia, de certa forma entre aspas, trabalhar no que você quer, você trabalha mais, mas em algo que é seu que te dá um retorno”</p> <p>“espero ser um bom administrador, entender tudo.”</p> <p>“pretendo saber realmente aplicar os conceitos que eu aprendi aqui e ser uma boa administradora no mercado de trabalho”</p> <p>“quero seguir a área de gestão de pessoas, porque eu me identifico muito bem e eu gosto de trabalhar com pessoas, então eu espero trabalhar nessa área.”</p> <p>"espero que a minha formação possa me proporcionar uma carreira produtiva seja ela academicamente ou seja ela de mercado”</p> <p>“eu me imagino assim, buscar sempre um conhecimento além do que eu já possuo, o administrador no futuro vai ser, imagino no caso, vai ser o profissional que vai entender de tecnologia de teoria, vai ser um dos grandes intelectuais”</p> <p>“acho que vou ter que passar pelo mercado de trabalho, ainda que eu vá seguir carreira acadêmica eu acho que é importante eu ter uma passagem no mercado de trabalho (...) ter um pouco mais, acho que, de segurança.”</p>	<p>A01, A02, A04, A05, A06, A07, A09, A12, A13, A16</p>

“gosto de coisas novas, eu gosto de desafios, então se eu não fizer como é que eu vou saber que é legal? Eu acho que ser administrador me ensinou muito a ter maturidade.”	
--	--

O passar do tempo revela três momentos particulares para os indivíduos: o *passado*, *presente* e o *futuro*. Na experiência passada é revelado um foco do que se foi, se tornando uma memória, uma história contada do tempo, a lembrança do que se pensou e viveu. O presente aparece como a dimensão dos fatos que vem a presença constantemente, sendo o momento que se vive e nele surgem as interações com o mundo. O futuro se faz no eterno projetar, a busca de uma ligação dos fatos presentes somados aos passados na esperança de alcançar uma posição futura desejada.

Desconhecer a dimensão da administração no passado demonstra que o presente tem agido como um diferenciador da falta de experiência, do pouco saber, e, que tem possibilitado entender como a atividade administrativa, vista anteriormente como abrir um negócio e gerir os recursos financeiros pessoais, vai também além do senso profissional e acadêmico, se tornando uma parcela da postura para com o mundo, é mais do que finanças, de gerir um negócio, viabilizando a prudência de cuidar da própria vida, percebendo interesses particulares, desejos e vontades que tentam se somar para se tornar ação.

A importância da administração se apresenta no comparativo do passado e presente, manifesto pela interação do momento atual, logo sua relevância ascende com uma carga teórica que apresenta um mundo antes não revelado. A relação com o futuro tende a ter sua interação inicial com o comparativo de avançar do molde atual para o que virá, quando se menciona a impotência transmitida pela teoria essa revela que o indivíduo já preocupado com seu futuro não se entende como apto a atuar da forma cujo qual a atividade de administrador exige. A projeção é incompleta, pois ainda não oferece uma realidade de fato do tempo que ocorrerá a frente.

Surge a parcela futura quando se avaliam condições que possam ocorrer mediante as barreiras que venham a surgir. A falta de medo, ou o ato de cautela demonstram que a carga acumulada dos anos de vivência como aluno promovem o espírito a se projetar, de modo mais tranquilo, apesar de conhecedor das incertezas e na constante busca de realização. Ao se propor um bom administrador ele assume que se tornou um administrador e fará disso um meio de viver que o lance ao mundo fornecendo desafios e experiências pessoais. Por fim esse cenário constrói a possibilidade do desenvolvimento de maturidade.

4.4. Unidade 4 - Conceito de tempo

Frases	Depoente
<p>Significado</p> <p>“o tempo é a gente estar inserido nele, (...) é um conceito que a gente vive dentro dele”</p> <p>“o tempo pra mim é o que sempre tá ali, eu não esqueço das coisas, então é como se o tempo fosse acumulativo.”</p> <p>“Tempo é primordial, é a essência de tudo, porque sem o tempo cê não consegue se planejar, cê não consegue se organizar, cê não consegue fazer nada.”</p> <p>“Ordem cronológica, porque pra mim é a questão do passado, presente e futuro. Você nunca vai poder tipo voltar atrás numa decisão e se você tentar voltar atrás sempre vai ter uma consequência daquilo.”</p> <p>“o tempo é relativo, vai variar da situação e de como você está naquele momento.”</p> <p>“pra mim é tudo, as vezes na minha cabeça eu começo achar que o tempo é a coisa mais importante que existe, é o tempo que ta deixando a gente, sei lá viver esse momento aqui agora, é isso, e esse pequeno período de vida vivendo aqui na Terra que vai fazer da gente o que é.”</p>	<p>A01, A05, A08, A11, A15</p>
<p>Postura</p> <p>“Ele é muito precioso (...) Porque ele não volta, então eu acho que tem que fazer valer cada segundo (...) tento fazer tudo com excelência, porque não volta atrás, tipo assim, tem que fazer valer mesmo o que eu puder fazer melhor e ser a melhor pra mim mesmo e pros outros que me importam eu acho que tem que ser.”</p> <p>“Experiência eu acho, tem haver com experiência, porque com o passar do tempo, pelo menos eu acredito que a pessoa vai adquirindo mais experiência”</p> <p>“Bom tempo pra mim é uma coisa que eu to sempre tentando melhorar...É um recurso meio escasso, então eu tenho que tar sempre procurando aproveitar cada brecha que eu tenho no meu dia pra fazer minhas coisas e não deixar acumular”</p> <p>“tempo acho que é meu maior problema. Não meu maior problema não é o tempo, é a gestão dele.”</p>	<p>A04, A06, A07, A14</p>
<p>Intuição:</p> <p>“as vezes é tão simples... a gente sabe o que é, mas pra falar o que é, entendeu? Creio que o tempo seja o hoje mesmo”</p> <p>“é a quantidade de coisas que você desenvolve durante um momento da vida, não uma questão cronológica em si, porque a gente vive períodos aqui de seis, quatro meses, mas parece que são anos de vida e muita coisa acontece.”</p> <p>“você vive preocupado com essa questão de você envelhecer e não conseguir fazer isso, mas ao mesmo tempo você tá levando o dia-a-dia e você não tem nenhuma noção de tempo. Você faz atividades corriqueiras dentro de casa, ou às vezes na universidade, mas a questão é que as vezes</p>	<p>A10, A12, A13</p>

não paramos para pensar no tempo, mas de certa forma ele vai prosseguindo e você não acaba tendo uma noção de tempo. “	
--	--

O entendimento de tempo representa uma difícil questão de ser respondida. Para tal empreitada se faz necessário muita reflexão, imersão no profundo do conhecimento e mesmo a dúvida se é possível chegar a um coeficiente que defina algo que parece ser indefinível.

Essa tentativa tende a proporcionar um embate entre todo o conhecimento adquirido, passando a *significar*, mas podendo, também, representar uma forma de interagir no dia-a-dia, o que se apresenta como uma *postura* para com o mesmo. Em sua constituição, ele também pode se tornar algo que a *intuição* prevê, que o livra da forma conceitual e apenas expressa sua forma.

Significando algo que pode ser acumulativo, primordial, cronológico e por fim ser tudo, a essência de tudo. Sendo algo que contém os indivíduos, um conceito que os engloba, logo ele se define por estar nos seres, dentro e fora dos mesmos. Representando o momento de vivência que não pode retornar e não pode ser contido, mas pode passar de forma mais rápida ou mais lenta de acordo com o momento vivido.

Uma forma de interação é como atuar perante o tempo, a *postura* quanto aos fatos ocorridos, medido por essa instância, na possibilidade de conduzir as experiências para torná-las um recurso que amplie as capacidades particulares, um meio de melhorar as respostas dadas aos eventos que se apresentam. Agir com empenho e esforço na busca de melhores resultados propicia a capacidade de tentar conduzir de forma mais consciente os problemas da escassez do tempo visto como recurso. Logo, uma atitude perante o tempo é buscar sua gestão.

A *intuição* sobre o tempo demonstra que ele é algo pressentido podendo ser imaginado, mas raramente expresso sem uma contradição interna, representável, por algo que some da presença constantemente e permite o viver inocente que esquece do fim comum gerado pelo mover do tempo. Sonegar *Kronos* em função de *Kairós* não reduz sua essência fatal.

4.5. Unidade 5 - Potências do tempo

Frases	Deponente
<p>“Quando eu paro olho um pouco o que eu fiz, e o que eu estou fazendo no momento e o que eu vou fazer... eu acho que ele fica muito mais presente, mais visível, mais claro pra mim.”</p> <p>“consigo gerir esse tempo e pra atingir as metas que eu tracei ou... os meus objetivos futuros... e o tempo ele vem pra me auxiliar eu uso ele como auxílio pra poder me nortear saber em que nível</p>	

<p>eu já avancei, o que eu preciso fazer pra atingir determinado resultado ou chegar onde eu pretendo estar”</p> <p>“tempo ao mesmo tempo ele te ajuda ele te influencia, se você ficar realmente estagnado você não vai evoluir mais e isso é ruim”</p> <p>“A medida que o tempo vai avançando a gente vai melhorando, a gente se torna melhor a cada dia em detrimento do que nós éramos ontem”</p> <p>“Através das escolhas que eu faço, eu acho que é isso, escolher bem ajuda o tempo a se potencializar melhor”</p> <p>“Acho que me traz as possibilidades de não cometer os mesmos erros que você comete ao longo do tempo em si, porque quando você vai adquirindo experiências provavelmente você vai saber lidar melhor com novas situações que vão ocorrendo”</p> <p>“sinto que o tempo tá a frente de mim (...) eu planejo que vou fazer isso agora e por algum motivo eu to fazendo uma outra coisa e não deu tempo de eu fazer agora, então, amanhã eu faço aí amanhã que eu teria tempo também não dá.”</p> <p>“cada vez que o tempo passa tudo muda, acaba que a gente tá tendo que adaptar várias coisas, ainda mais na parte do empreendedorismo, hoje em dia tudo a gente tem que se adaptar”</p> <p>“costumo falar que aquele clichê eu acho que ele é positivo que ele é verdade que você sofre as consequências das escolhas que você mesmo faz”</p>	<p>A07, A08, A09, A10, A11, A12, A14, A15, A16</p>
--	--

A potência do tempo representa que o mesmo continua sempre a se manifestar e a cada manifestação ele traz consigo novas fronteiras e barreiras que podem oferecer recursos para perceber as possibilidades que se apresentam. *Kairós* manifesta sua presença quando leva a cenários que vão requerer a atitude do indivíduo.

Ter consciência do contexto vivido permite que se clarifique o avanço, e, neste como foram adquiridos capacidades e habilidades; logo essa clarificação atrai o nivelamento dos objetivos, permitindo observar o avanço e a busca do alinhamento de metas, o tempo será uma forma de auxílio para medir se ocorre a estagnação, que se apresenta como um processo visto como negativo, ao tornar o indivíduo um ser que não avança.

As escolhas serão responsáveis por manifestar o avanço dos indivíduos, que vão tentando superar a cada dia a si mesmos, sendo necessário se responsabilizar, pois assim, as possibilidades tenderam a facilitar o processo de aceitação e superação de erros, consequências que surgem de um modo ou de outro, mas que quando digeridas possibilitam aprendizado e crescimento pessoal. O único responsável pelo próprio indivíduo é em si o indivíduo, caso se escolha outra coisa, que o afasta do objetivo proposto isso representará a mudança optativa que o fará preso em um espiral podendo-o levar a um ambiente de frustração se afastando de sua realização pessoal.

4.6. Unidade 6 - Administrador e o tempo

Frases	Depoente
<p>Intrínseco:</p> <p>“tem que ser trabalhado de forma muito coesa, assim, o tempo e a administração. O administrador tem que ter isso muito claro na sua mente a forma como isso vai ser trabalhado pra ele poder tomar as decisões certas nas horas certas, porque não pode ser nem em menos tempo, nem em muito tempo, tem que ser no momento exato.”</p> <p>“é um ponto importantíssimo pra qualquer parte da administração se tem que coordenar o tempo, tem que coordenar as atividades, saber coordenar as prioridades, às vezes também o que não é tão prioridade”</p> <p>“Tem que ser algo tipo “amiguinhos íntimos”, porque administrar também envolve o tempo (...) o administrador tem que administrar o tempo, não só o dele mesmo mas também o da empresa em si, pra pelo menos ganhar uma parcela do mercado”</p> <p>“Eles andam juntos, sem o tempo o administrador não consegue, não existe uma organização que funciona da maneira correta sem o uso do tempo. Tempo ele tá ali pra marcar pra ser seguido o planejamento correto na hora correta e a gente poder utilizá-lo da melhor forma.”</p> <p>“Esse aí é um relacionamento sério. O que o administrador menos tem, pelo menos nas experiências que eu vejo é tempo, porque ele tá sempre apertado, assim, sobre pressão, sempre sendo demandado de algo, de resolver problemas no prazo muito curto. Ligados pela dificuldade da carreira.”</p> <p>“o administrador ele tem que saber lidar com o tempo, isso aqui é ótimo, “nosso planejamento ele tem que ser desafiador, porém plausível.”</p> <p>“o administrador ele tem que tar ligado ao tempo, em tudo que ele for fazer, as decisões que ele for tomar e como ele for administrar porque querendo ou não o tempo ele pode ser um aliado, mas também pode derrubar o administrador”</p>	<p>A01, A02, A06, A08, A10, A14, A16</p>
<p>Indiferente:</p> <p>“Não acredito que seja muito diferente da faculdade não. Cê tem que saber gerir seu tempo, desenvolver as atividades da melhor maneira possível e tentar pesar o que eu preciso fazer mais rápido, o que eu posso postergar um pouco... eu não sei, não acho que seja diferente da faculdade a gente faz isso com os estudos”</p>	<p>A07</p>
<p>Adversidade:</p> <p>“o administrador ele meio que corre contra o tempo, né? Porque tipo assim, todo mundo espera que o administrador, administre sua vida e as questões da empresa como se ele fosse super... quase um robô”</p> <p>“então o administrador hoje é um profissional que ele luta contra o tempo, na verdade (...) o administrador no geral ele sempre luta contra o tempo, pra ele o tempo é uma arma perigosa ele ta sempre querendo combater isso. Quanto mais tempo eu perco aqui mais eu preciso ganhar tempo nisso. O administrador não tem uma noção clara de esperar que a coisa aconteça, ele está sempre tentando fazer mil coisas num tempo hábil, não quer esperar que as coisas aconteçam de forma como se fossem fase.”</p>	<p>A04, A13, A15</p>

“O tempo é curto pro administrador, o tempo é muito pequeno, né? Se a gente for encurtar tudo isso a um dia é muito pouco”	
--	--

A relação entre o tempo e o Administrador demonstra que existe uma conexão muito forte que os tornam quase que *intrínsecos*, uma vez que não existe possibilidade de existir a atividade de administração sem o manejo do tempo. As organizações não conseguem propor um funcionamento correto se não verificarem sua forma de atuação mediante o tempo, sendo preciso executar as rotinas com previsões e prazos, sonegar o tempo inviabiliza a existência de organizações no cenário global. Logo, o administrador terá de ter a clareza de que o tempo é uma essência do funcionamento da organização e que sua utilização deverá ser pautada sobre as demandas de sua tarefa.

Para manutenção do status e busca de atingir os objetivos de maximização dos recursos, dentre outros, colocar-se-á o administrador em cenários de decisão constantemente e esse precisará manejar o tempo certo, não sendo nem muito prontificado, onde se poderá não observar todas as variáveis possíveis de alcance, nem muito tardiamente, não se pode esperar que se conheça o todo antes de agir, isso fomentará o momento ímpar, onde o administrador irá fazer uma jogada, medida por sua sorte, intuição e o uso de recursos que o auxiliem escolher melhor, possivelmente manejando o risco até onde sua racionalidade limitada o permita.

Pode haver então, um momento em que a atitude do administrador não o diferencie da pressão sofrida por outros âmbitos, logo é *indiferente* ser administrador ou estudante, todas as relações exigem manejo do tempo da forma mais acertada que se possa executar. Caberá consciência de saber elencar as prioridades, pois há coisas que ascendem maior urgência de solução que outras, que poderão ser passadas para frente e logo será seu manejo de prioridades que irá permitir o sucesso e cumprimento das demandas, tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

Contudo esse jogo de relações reafirma que se colocar no cargo de administrador irá incutir obrigações em um cenário de *adversidades*, que podem exigir do profissional relação sobre-humanas, tornando o tempo seu adversário, pois é preciso que se dirija a vida em sua particularidade e as operações profissionais com extrema coesão e sobriedade.

4.7. Unidade 7 - Estar Administrador no tempo

Frases	Depoente
<p>“acho que a gente não vai perceber, porquê nem como acadêmico de administração eu consigo perceber o tempo, a gente vai viver o tempo eu acredito, mas a gente não vai conseguir perceber, porque são tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que a gente não vai conseguir perceber ele.”</p> <p>“eu percebo o tempo muito rápido, eu percebo que por ser ciclos (...) Eu vejo ele muito cíclico mesmo, muito repetitivo e muito ordenado, mas voltando para área de projetos também a administração eu vejo como uma reta mesmo um caminho mais direto.”</p> <p>“Talvez dependa do fluxo de trabalho, porque as vezes em algum lugar vai ter um fluxo de trabalho muito alto e cê tem que tomar decisões o tempo inteiro, então provável que o tempo nunca seja suficiente, porque você vai ter que estar ali fazendo uma coisa e tomando decisões... e você não tem tempo para pensar nessas decisões. “</p> <p>“ia medir esse tempo de acordo com contas que eu tenho, com atender o meu cliente, tentar produzir mais na minha empresa, tentar gerir recursos”</p> <p>“Você conseguiu atingir seu objetivo com prazo estabelecido você vai obter sucesso, cê não conseguiu cê não tem como postergar, porque o tempo já passou e não tem como você voltar atrás, você só tem que tentar outras formas e tentar correr atrás do prejuízo”</p> <p>“vou perceber o tempo como condicionante das minhas atividades, condicionante (...) Por que as coisas que eu irei fazer serão condicionadas pelo tempo que eu terei”</p> <p>“Percebi que o tempo passa mais rápido, porém ele é mais produtivo. (...) antes eu tinha muito tempo, mas não fazia nada, agora eu tenho pouco tempo e sou muito produtiva”.</p>	<p>A01, A02, A05, A07, A08, A14, A16</p>

A posição de administrador requer a compostura de aceitar o ofício e executá-lo a margem de suas exigências técnicas e intelectuais, ao se fazer capaz de construir cenários e dentro destes observar respostas que sejam as possíveis solucionáticas, com um pequeno agravo que requer um tempo hábil, uma capacidade empreendedora e a visão de diferenciação, ao observar lacunas e como estas podem ser revertidas em benefício a aquele que as procura.

Uma possibilidade é que o tempo apenas ocorra, e que sua quantidade de transformações não possibilite avaliar sua transição, sua velocidade o tornaria imperceptível. Suas transformações podem ser avaliadas então como medidas em ciclos, a conclusão destes permite observar que houve um lapso temporal, logo que ele se manifestou e que as mudanças constituíram alguma ruptura, a administração nessa via se torna uma atividade que segue passos, podendo os mesmos, serem transformados em atividades repetitivas (programadas e padronizadas).

Ter tempo hábil irá possibilitar a realização das atividades e essas se tornarão elencadas por prioridades, onde deve-se medir/construir uma escala, impondo momentos onde há de se confrontar

com o que se herda da atividade de administrador e da vida “adulta” na sociedade capitalista, responsabilidades para consigo e terceiros. Uma medida de sucesso será a capacidade de realizar os objetivos e não postergar sobre estes, pois o tempo segue, um erro será permitido se com ele for possível constituir um aprendizado.

Portanto ao se colocar na posição de administrador o tempo surge como uma variável que se percebe através da velocidade e da produtividade, o excesso de tempo ocioso se torna um comparativo de falta de produção. A exigência das decisões acabam por ocupar o tempo de trabalho e o pessoal, sendo difícil interagir a certeza de estar no caminho acertado ou não, tendo a intuição o papel de acusar caminhos, como uma ferramenta interna da atenção e capacidade de adaptabilidade. Só a passagem do tempo irá ser capaz de confirmar o êxito ou o fracasso das decisões.

4.8. Unidade 8 - Tempo, dinheiro e administração

Frases	Depoente
<p>Popular:</p> <p>“tem aquele ditado, tempo é dinheiro, então é peça fundamental assim o tempo em relação a administração (...) você vai ter que procurar entender o tempo, porque conceituar eu não consigo, mas a gente vai ter que procurar entender e administrar ele da melhor forma possível.”</p> <p>“tempo é dinheiro (...) é muito clichê, mas tipo muito usado, sabe? Por que o administrador assim, pelo menos até o que eu vi até agora, e o que eu vejo na rua também, o que eu vejo as pessoas falando assim: “Não dá pra você perder tempo com as coisas”, sabe? Não dá pra ficar procrastinando, é, pensando se vai dar certo, ou não, é claro que você tem que pensar se vai dar certo, mas não dá pra ficar pensando a vida toda, tem que se arriscar mesmo.”</p> <p>“Pensando na questão de empresa, eu sinto que vou ser muito cobrada com relação ao tempo, porque tempo é dinheiro. “</p> <p>“time is money (...) tomar decisões rápidas porque você não sabe o que vai acontecer e você tá lidando com dinheiro que não é seu, muitas vezes são valores com os quais você talvez não lidaria a sua vida inteira (...) tem que tomar decisões rápidas porque você precisa produzir, precisa gerar valor, você precisa bater suas metas e por aí vai, e isso junto a ideia do dinheiro.”</p> <p>“Tempo é dinheiro, né? (...) Se você economiza tempo você economiza dinheiro porque você tá produzindo mais num intervalo de tempo pequeno, eu acho que é por aí.”</p> <p>“tempo é dinheiro”, enquanto você tá dispendendo de tempo pra outras coisas você tá perdendo dinheiro, algo que você poderia investir seu tempo de uma maneira melhor ou trazer um retorno futuro”</p> <p>“numa linha de produção se você perde tempo refazendo alguma coisa, cê poderia ter produzido mais peças e que poderiam ter sido vendidas, então você tá perdendo dinheiro, tempo realmente pra</p>	<p>A01, A03, A04, A05, A07, A10, A11, A13</p>

<p>administração, eu acho, é dinheiro”</p> <p>“É igual aquele ditado tempo é dinheiro. (...) essa questão do tempo em relação ao dinheiro é justamente administrar o tempo pra fazer várias coisas e não separado. É a questão de aproveitar tudo que tem pra fazer, não deixar pra amanhã, que amanhã já é outro dia, amanhã já tem outras atividades é aproveitar o tempo que tem pra fazer determinada atividade ou fazer mais coisas“</p>	
<p>A frente:</p> <p>“minha questão, como eu penso como administrador, não vender a hora, não fazer aquele ciclo cíclico da administração de sempre repetir as mesmas funções sempre paliativo pra algum setor, pra alguma empresa, pra alguma coisa assim que segura as pontas é muito mais prazeroso ver a administração como essa possibilidade de realmente saber administrar, saber pontuar, saber tocar aonde precisa ser e usufruir com isso pro dinheiro ser cada vez mais aberto”</p> <p>“tempo não deixa de ser dinheiro, cê tá perdendo dinheiro ao tirar ele da linha de produção, mas esse tempo que é investido no desenvolvimento dessa pessoa também trará um retorno, não é só essa questão de o tempo limitado a, sabe? produtividade , não é só o tempo é dinheiro, também tem que ter uma qualidade desse tempo”</p> <p>“você tem que ficar atento as decisões que vai tomar no tempo que você tem pra tomar essas decisões e o que que vai acontecer dentro dessas decisões e desse tempo”</p>	<p>A02, A14, A16</p>

Tempo custa caro logo tempo também é dinheiro. Benjamin Franklin atualizou a frase do filósofo Teofrasto e designou como a perda das oportunidades em detrimento de ganhar com elas seja um prejuízo para o indivíduo. Essa expressão se tornou um bem das gerações seguintes, como um ditado *popular*, e na atualidade já se coaduna como um “clichê”, muito usual e repetido, mas que demonstra um bem da sociedade capitalista, onde o trabalho é medido e remunerado nas horas vendidas, o tempo do relógio doado é vendido por dinheiro.

A gestão das finanças pelo profissional em administração existe como um envolvimento entre os bens da organização, capital social, e a capacidade de gerir dos profissionais, que se envolvem com o capital de terceiros ou próprios na busca de sua condução para atingir objetivos aos quais se direcionam as estratégias de atuação.

As práticas de fomento a atuação com intuito de direcionar o profissional a alcançar resultados cada vez mais expressivos passa pela constituição de processos formais, como metas (de forma genérica no aumento produtivo, já que esse gera o aumento das finanças captadas). A parada de uma linha de produção não permite capitalizar, nunca mais aquele momento de tempo, mesmo que esse seja suprido em um futuro, jamais retornará, o passado se torna um estigma e ao mesmo tempo uma lição, pois gera o aprendizado, pessoal e organizacional, passível de corrigir erros futuros.

Dessa forma o presente requer um manejo constante, a atenção do administrador deve sempre se voltar a continuidade e expansão dos processos, uma exigência particular e dos que ali possuem algum interesse, tomando o tempo como um bem que deve ser compreendido por extensas análises e reflexão sobre sua existência. Assim, a decisão mais reflexiva irá gerar um momento mais propício para a resposta mais condizente, pois não se pode pensar pra sempre, é preciso atuar, se arriscar.

Uma possibilidade mais deslocada da relação do tempo e dinheiro, leva o indivíduo a ver *a frente*, que o tempo seja usado de uma forma que o desloque da simples relação de venda da força de trabalho, em uma atitude empreendedora, onde ocorre a busca da realização pessoal, podendo ocorrer na forma de um investimento na pessoa, antes do pressuposto do retorno capital, nesse dado ponto o recurso se torna um bem secundário, a satisfação se torna o fator primordial, a relação se suaviza e o objeto pessoal ganha destaque em detrimento do financeiro.

4.9. Síntese das unidades

A percepção do aluno de Administração, que foi solicitado a se mover dentre os diversos campos de sua consciência e inquerido a buscar desde seu passado até o momento atual, e em seguida, ao ponto de se projetar no amanhã, revelou a complexa tarefa de se defrontar com o tempo, e, de como aceitá-lo como um existente guia. Como afirma o pensador Indiano *Jiddu Krishnamurti* (1895-1986), em uma de suas palestras concedidas a jovens estudantes em Porto Rico, apresentando o apego ao tempo de um vivido como um estigma, pois:

Existe amanhã – “amanhã” tendo acontecido porque eu tive um momento de completa liberdade, um completo sentimento de alguma coisa, e isto passou. Eu gostaria de manter isto, fazer isto durar. Fazê-lo durar é uma forma de ambição. Nós lutamos para conseguir essa coisa novamente. Tudo isto está implicado no tempo psicológico. Quando você tem alguma experiência de alegria, de prazer ou do que seja, viva isto completamente e não exija que isto perdure, porque então você está preso no tempo. (JIDDU KRISHNAMURTI, 1968)

Perceber em si mesmo lacunas que promovem estados de angústia são fundamentais na descoberta de como se portar no tempo, como esse se manifesta em um fenômeno de reviver e revitalizar constantemente seus laços com os rumos assumidos pela vida, através das experiências e suas escolhas. Como conta a banda britânica *Pink Floyd* em sua canção *Time* (1973):

“Você perde tempo gastando as horas de modo descuidado. Perambulando por aí, em sua terra natal. Esperando alguém ou algo que te mostre o caminho. Você é jovem e a vida é longa. E há tempo para matar hoje. E então um dia, você descobre que dez anos ficaram

para trás. Ninguém te disse quando correr. Você perdeu a largada. E você corre e corre para alcançar o sol, mas ele está se pondo. Dando a volta, até surgir novamente atrás de você. O sol é o mesmo, de forma relativa, mas você está mais velho. Com menos fôlego e um dia mais próximo da morte.”

É peculiar perceber que quando se questiona sobre: “o que é o tempo?” Se consigam respostas como a de *Santo Agostinho*, que sabe o que é o tempo, mas não pode formalizá-lo ao outro. Do mesmo modo ao aproximar de *Plotino* que propõe que nossa alma viva no tempo, ou seja o contém e está contida nele. E mesmo se aproximar da percepção de *Aristóteles* que vê a existência do tempo medido em suas transformações e a consequente percepção destes ocorridos como seu critério de validação.

A filosofia abarca a prática da reflexão e leva a construção de descobertas, mesmo que longe de seus próprios criadores e em outros tempos. É provável que quem a cite jamais a tenha escutado, mas assim mesmo seja capaz de manifestá-la, o chamado à reflexão ecoa e divulga a instância do lampear filosófico contido em cada indivíduo. Para tanto afirma o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944): “conhecer não é demonstrar nem explicar, é acender a visão” (Lopes, 2013)

A percepção do aluno de administração trouxe à tona um valor que muito se sonega e que passa a ser vislumbrado por fontes que o ocultam, como é o caso do valor do dinheiro, esse que passa de seu papel subalterno ao orientador e faz a essência do viver parecer se perder, é no tempo que se vive, é no mesmo onde as experiências ganham nome e é através dele que se medem os vividos.

O valor financeiro será um parceiro que possibilitará alguns acessos, porém este não será evidente como aquele que interrompe, ou se torna um fator limitante, a ação do sujeito que por uso de suas faculdades consegue sair de sua posição formalizando seus objetivos. Logo será preciso a capacidade de perceber a vivência utilizando a consciência doadora de sentido e seus dotes como a intuição propagando-se além do que se vê. Apresentado como uma lição aprendida no livro “*Le Petit Prince*” (1943):

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos, Se tu queres um amigo, cativa-me! (LE PETIT PRINCE, 1943, p.54)

O uso popular do termo acaba por transformá-lo em uma lei, “tempo é dinheiro” se promove quase como um dogma do conhecimento popular, influenciando a percepção de que perder o tempo é perder dinheiro, quando perder tempo é deixar a vida passar. A atividade administradora está

fundamentalmente ligada a essa primeira corrente, pois busca capitalizar em cenários de escassez, onde a organização procura sobreviver como o *ente de entes*, na busca da ampliação institucional e demais objetivos que vão envolver o capital financeiro e sua gestão no tempo.

Cada aluno percebe o fenômeno de um modo único, expressando em uma somática de ideias, que o tempo é a essência do administrar, tendendo a partir dele a constituição de um norte de ação, a pressão interna e externa (do indivíduo e de outros) fará do mesmo relativo, já a interação entre eles há de convergir no estilo de vida profissional e pessoal, onde a organização, no sentido de ordem particular, passa a ter um papel extremamente relevante para interpretar o mundo.

As lições apreendidas irão se tornar o histórico cronológico, um grande composto entre as fases do tempo que se tornam em resultado o indivíduo. Será, por essa via, o mesmo, guiado a executar sua liberdade de ação, um demonstrativo de toda capacidade adquirida ao longo das experiências. Saber o ponto onde o uso do tempo se tornará uma pressão, propondo consequentemente a base de um ofício, constitui a figura do administrador, como pronto ao incerto e destacado a agir estrategicamente em momentos que é chamado, na tentativa de prospectar resultados, antes mesmo do chamamento.

O graduando compreende o ofício, mas se dispõe a ver além, a influência de disciplinas, nos primeiros períodos de caráter reflexivo são um bom marco na proposição de cenários de incerteza que auxiliam o indivíduo a pensar de modo mais abrangente, tentando expandir sua visão do mundo de modo a agir na modalidade de um administrador, que passa a transcender e se permite tentar ver nas capacidades que se aprende se valendo de um espírito mais empreendedor, na forma de ser.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção de graduandos sobre o tempo no ofício que os mesmos escolheram prepondera a importância da visão do ser sobre o fenômeno que o cerca, a opção sobre um determinado caminho expandiu nos mesmos a possibilidade para outros tantos antes não imaginados, as transformações internas e externas dos indivíduos apresentam a relevância de compreender o tempo como formador da vida, e, um dos responsáveis pela capacidade de projetar e esperar a frente, um meio de melhor planejar as escolhas entendendo a possibilidade do aprendizado constante.

O ato de se questionar sobre o que perturba e/ou mesmo a capacidade de se admitir em falha consigo constitui avançado manejo de confrontar o fenômeno e buscar ver além dele, uma visão que não condecora, mas aproxima da atitude fenomenológica, à base de uma reflexão eterna e fundamentadora.

Partindo da tradição filosófica se viu um caminho construído ao passar de muitos anos, correntes de pensamento e personagens que marcaram intertemporalmente a noção que é derivada do tempo. A dificuldade dos grandes pensadores contribui para compreender que os avanços na posição do tempo na tradição o propõe como um irradiador conceitual e espiritual, pois reforça nossa incerteza, e, ao mesmo tempo acalma a compreensão até sua próxima necessidade de compreender.

O campo da Administração, como todos os outros, pode ser averiguado pela lente filosófica, fomentando o aumento da compreensão e a chance de gerar possibilidades a demais pensadores de se aventurarem sobre a incerteza, na proposição de fundamentos que elucidem e ampliem a carga de aprendizado possível. A racionalidade limitada se torna menor com o aprendizado coletivo, possibilitando vislumbrar a tão almejada consciência coletiva.

Investigar sobre fundamentos administrativos que ligam o ofício ao fenômeno da percepção do tempo demonstra que o campo é intimamente vinculado à noção desse como um marco, sendo o guia, o carrasco e a fonte de revoluções pessoais e conceituais. O manejo sobre o tempo como dinheiro faz do mesmo uma função como recurso, sendo assim, deve-se trabalhá-lo e guiá-lo para o alcance das metas organizacionais.

O fenômeno do tempo na administração sobre a percepção do graduando traz a vertente que o tempo é um recurso que deve ser observado como fator chave de atuação. A operação do mesmo

guarda um caráter de constante aprendizado pessoal e uma disciplina de atuação na busca de capacidades de observar e agir no momento ímpar, se pondo a disposição do tempo como alguém que tende a errar, mas que fará deste uma lição para prosperar quando solicitado futuramente. No mais traz a capacidade transcendente de ligá-lo a possibilidade de superar o determinado e fomentar sua vivência com a liberdade de reconhecer o dado na aparência, superando-o com a escolha de vivê-lo além.

A percepção do estudante investigado é de que o tempo é um recurso, sua referência interna o liberou de seus preconceitos e definiu que para a administração a relação com o tempo é essencial, pois não haverá sobrevivência da atividade e da organização que o abarca, sem o uso de instrumentos conjuntos ao tempo, como a tentativa de efetuar sua gestão, tanto pessoal como das exigências de seu posto profissional. Será preciso para estes que se viva atento ao passar dos fatos, para que se tenha a capacidade de aprender e saber o momento certo de atuar, fase única e inconfundível que surge sobre a pressão de resultado.

Portanto o objetivo alcançado pela pesquisa, que buscava prever a percepção do tempo, o permeia em um ambiente mais filosófico que da teoria da administração, sendo por essa via evidente que não se constitui uma filosofia, mas se preveu um caminhar em direção a atitude filosófica que como o tempo acaba tendo a particularidade de conter e estar contido em tudo que existe.

Como um processo inicial a proposição é vista como um tatear no escuro buscando clarear o caminho que se apresenta, uma tarefa que requer maior aprofundamento de toda temática, quanto o refinamento do uso do método fenomenológico de pesquisa, para vias de buscar a essência mais a fundo e constantemente ampliar a possibilidade de se constituir uma teoria administrativa por vias filosóficas. Um provocar a outros pesquisadores do ramo da Administração que se veem afastados da possibilidade filosófica como fomentadora do conhecimento.

Logo as limitações apresentadas abrem espaço para novos estudos que busquem se ramificar e expandir a abrangência de temas ainda pouco abordados que se fazem de palco a investigações futuras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, N. **Dicionário de Filosofia** - 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Agostinho, S. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores)

Arantes, P. C. Kairós e Chronos: Origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**. v. 69, n. 7, p. 48-57, dez. 2015. ISSN 2175-3318.

Aristóteles. **Física**. Tradução e notas Guillermo R. de Echandía. Barcelona: Editorial Gredos, Planeta DeAgostini, 1995.

Arllida, S. G. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

Augustini, S. A. H. E. Confessi'onum Libri Tredecim. 397-398. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/03540430_Augustinus_Confessionum_Libri_Tredecim_MLT.pdf <Acesso em 05/10/2018, às 03:07 >

Baracat, J. C, Júnior. **Plotino, Enéadas I, II e III - Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas** / José Carlos Baracat Júnior -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Boava, D. L; Macedo, F. M. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **CADERNOS EBAPEBR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 469-487, Jul. 2011.

Boava, D. L; Macedo, F. M. **Filosofia do Empreendedorismo – Introdução ao pensamento Empreendedor**. s.n.t., 2011.

Brown, C., Coenen, L. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

Cardoso, J. Organizações, relações de trabalho e informatização: controle cronológico ou domínios de Kairos? **Revista FAE**, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 6-23, jan./jun. 2014.

Chauí, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

Cobra, R. Q. - Edmund Husserl. Vida. Filosofia Contemporânea. 2001. Disponível em: <https://www.cobra.pages.nom.br/fcp-husserl.html> <Acesso em 18/10/2018, às 13:19>

Dalfovo, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

Dicio, Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z. <https://www.dicio.com.br/tempo/> <Acessado em: 21/12/2017 às 15:00>

Estrada, R. J. S; Flores, G. T., Schimith, C. D. Gestão do tempo como apoio ao planejamento Estratégico Pessoal. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 4, n. 2, p. 315-332 mai./ago. 2011.

Faria, E. **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza S/A., 1962.

Franklin, B. Advice to a Young Tradesman, written by an old One. 1748. New Haven: Yale University Press, 1961. Disponível em: <http://founders.archives.gov/documents/Franklin/01-03-02-0130>. <Acesso em 03/10/2018, às 16:50 >

Gearing, R. E. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. California: SAGE Publications Inc., 2008.

Berkeley, M. A. G. **A treatise Concerning the principles of human knowledge**. Printed by Jacob Tonson, London, 1734. Edited by David R. Wilkins, London, 2002.

Gerhardt, T. E; Silveira, D. T (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

Giorgi, A. Difficulties encountered in the application of the phenomenological method in the social sciences. **Análise Psicológica** (2006), 3 (XXIV): 353-361.

Giorgi, A.; Giorgi, B.; Morley, J. The Descriptive Phenomenological Psychological Method. **The Sage Handbook of Qualitative Research In Psychology**, Edition: 2nd, Chapter: 11, Publisher: Sage, Editors: Willig and Rogers, pp.176-192.

Guerreiro, R; Soutes, D. O. Práticas de Gestão Baseada no Tempo: um estudo em Empresas no Brasil. **Revista Contabilidade Financeira - USP**, São Paulo, v. 24, n. 63, p. 181-194, set./out./nov./dez. 2013.

Heidegger, M. 1889-1976. **Ser e Tempo** tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. 10. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Husserl, E, 1859-1938. **Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy**. Tradução de F. Kersten. Martinus Nijhoff. Boston/Lancaster: Kluwer Academic Publisher Group, 1983.

Ihde, D, 1934. **Experimental phenomenology: multistabilities**. 2. ed., Albany: Suny Press, 2012.

Isaac, N. **Princípios Naturais da Filosofia Natural**. Balola, R. (Tradução) Universidade de Lisboa, 2010.

Isaac, N. **Philosophiae Naturalis Principia Mathematica**. Trin. Coll. Contab. Soc. Mathefeos Profeffore Lucafiano, & Societatis Regalis Sodali. Imprimatur S. pepys, Reg. Soc. Praeses. Julii 5. 1686 (MDCCCLXXI).

Krishnamurti, J. Conversas com estudantes americanos. Morcelo, Porto Rico. palestras com estudantes americanos, capítulo 4, 1ª palestra em Morcelo, Porto Rico 14 de setembro de 1968. <http://jiddu-krishnamurti.net/en/1968/1968-09-14-jiddu-krishnamurti-1st-talk> <Acessado em 09 de nov. 2018.>

Lacombe, F. J. **Teoria Geral da Administração**, São Paulo: Saraiva, 2009.

Lacombe, F. J. M; Heilborn, G. **Administração: princípios e tendências**. 3. ed. - São Paulo: Saraiva, 2015.

Lakatos, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

Lana, J.; Gama, *et al.* O Tempo como Legitimador da Causa: Implicações Temporais em Pesquisas de Administração. **Revista Alcance - Eletrônica**, vol. 25, n. 1, p. 106-119, Jan./Abr. 2018.

Lasta, A.; Giaretta Durante, D. A gestão secretarial no cenário organizacional contemporâneo. **Secretariado Executivo em Revist@**, v. 4, n. 4, p. 47-64, 15 jun. 2011.

Lopes, C. E. M. **Liderança Verdadeiramente Eficaz E Eficiente**. 1 ed. Edição do autor, Manaus 2013.

Manen, C. A. M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. California: SAGE Publications Inc., 2008.

Mayo, E. **The human problems of an industrial civilization**. New York: The Macmillan Company, 1933.

Martins, H. H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

Matos, S. E. **Operacionalização do Método de Epoché e Redução na Fenomenologia de Edmund Husserl pelas Vias Cartesiana e Psicológica** [manuscrito]. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia – Universidade Federal de Goiás 2016. CXXVII, 127 f.

Mora, J. F. **Dicionário de Filosofia Tomo I (A-D)**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Moreira, D. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. **INMR - Innovation & Management Review**, v. 1, n. 1, p. 5-19, nov. 2004.

Moreira, V, Torres, R. B. Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição do pensamento de Rogers. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 181-197, 2013.

Moustakas, C. E. **Phenomenological research methods**, California: Sage Publications, Inc., 1994.

Oliveira, M. F. de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011.

Pink Floyd, **Time**. Intérprete: David Guilmore, Roger Waters. In: *The Dark Side of the Moon*. Londres: Abbey Road Studios, p1973.

Platão. **Timeu-Críticas**. Tradução do grego, introdução, notas e índices: Lopes, R. Coimbra: Universidade de Coimbra, LDA. 2011.

Plotino. **Enéadas I, II e III - Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas**. Tradução José Carlos Baracat Júnior - Campinas: [s.n.], 2006.

Priberam, Dicionário online. <https://www.priberam.pt/dlpo/tempo> <Acessado em 21/12/2017 às 15:00>

Pró-Reitoria de graduação (Prograd). Universidade Federal de Ouro Preto. Internet. <http://www.prograd.ufop.br/index.php/cursos/administracao> <Acesso em 05/01/2018, às 16:52>

Raupp, F. M.; Beuren, I. M. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. In. Beuren, I.M. (Org.). *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006. Cap.3, p.76-97.

Saint-exupery, A. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

Santo Agostinho, **Confissões, Livros VII, X e XI**. Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo / João Beato / Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Covilhã: LusoSofia press, 2008.

Schelling, F. W. J. **Sistema del idealismo transcendental**; trad., pról. Y notas de Jacinto Rivera de Rosales y Virginia López Domínguez. - 2ª edición. - Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2005.

Silva, J. M. O; Lopes, R. L. M; Diniz, N. M. F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 61, n. 2, p. 254-257, 2008. ISSN 0034-7167

Souza, W. J; Oliveira, M. D. Fundamentos da Gestão Social na Revolução Industrial: leitura e crítica aos ideais de Robert Owen. **Organizações & Sociedade**, v. 13, n. 39, p. 59-76, 2006.

Souza, J. C. de; Kuhnem, R. F. **Os Pré-Socráticos - Fragmentos, Doxografia e Comentários.** Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo 1996.

Teixeira, H. J; Salomão, S. M; Teixeira; C. J. **Fundamentos de administração: a busca do essencial.** 2. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

Teofrasto. **Caracteres;** Tradução: Silva, M. de F. S. e. São Paulo: Annablume, 2014.

Thomas, J. R.; Nelson, J. K.; Silverman, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6 ed. 2012. ARTMED EDITORA LTDA., Santana, Porto Alegre.

Torrinha, F. **Dicionário Latino Português.** Pôrto: Junta Nacional de educação, 1942.

Tourinho, C. D. C. O exercício da epoché e as variações do transcendente na fenomenologia de Edmund Husserl. **Filosofia Unisonos**, 13(1):30-38, jan/apr 2012

Universidade Federal de Ouro Preto. **Projeto REUNI 2008-2012.** Março 2008. Aprovado pelo Ministério da Educação, Quinto Resultado Parcial da Chamada Pública nº 10 DOU, Nº 16, de 23/01/2008, p 38.

Vinuto, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas - Revista de pós-graduandos em ciências sociais da Unicamp. ISSN: 1413-2486 e-ISSN: 2595-315X.

Willig, C. **Introducing qualitative research in psychology.** 3. Ed. London: Graphicraft Limited, 2013.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim [recurso eletrônico]** / Robert K. Yin; tradução: Daniel Bueno ; Revista técnica: Dirceu da Silva. - Porto Alegre : Penso, 2016.

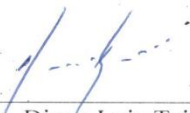
FICHA DE APROVAÇÃO

DOUGLAS THADEU-CRISPIM NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Professor DSc. Diego Luiz Teixeira Boava

COMISSÃO EXAMINADORA



Professora DSc. Diego Luiz Teixeira Boava
Orientador e Presidente da Banca



Professor DSc. Fernanda Maria Felício Macedo Boava
Membro Avaliador



Professor MSc. Raoni de Oliveira Inácio
Membro Avaliador

Mariana, 11 de dezembro de 2018.